

Siga-me—do feitor? Essa palavra significaria sentença de castigo horrivel?

Logo haveis-lo de saber. Podereis-lo desde já presentir por estas poucas palavras trocadas entre dois pretos.

= Pobre Antonio!. Elle hoje colheu menos café do que hontem...

= Tambem, observou o outro,—para que deixa elle o serviço para ir conversar com a sua rapariga?

(Continúa.)

La tomba è un letto
Sperso di fiori.

(ANDANTE DE Luisa
Miller.)

Quando em silencio eu meditava os carmes,
Os sanctos carmes do propheta hebreu,
Não sei que sombra murmurou-me um canto,
Tão doce canto que cuidei ser teu.
Fulgida estrella, perola da noite,
Por que à noite teu clarão morreu?

Na harpa de bronze onde carpia o bardo,
Mudo chorando de Sião a ruina,
Sentido threno modulei chorando
Nas graves cordas que a saudade afina.

Esse mysterio que nos cela o tumulo,
Quando no tum'lo nos apraz scismar,
Encerra encantos que não sabe o mundo,
Que nunca o mundo poderá cuidar.
Não tenho preso o espirito na terra;
Ai! deixa a terra para aos ceus voar.

Filha dos sonhos subirei contigo,
No teu regaço às regiões etherneas;
Em quanto à sombra do salgueiro escuro
Tremulas soam as canções funereas.

A secca folha que cahiu do arbusto,
Que o tenro arbusto viu rolar no chão,
No espaço infindo arremessada vò,
Nas azas vò do veloz tufão.
Quem sabe o rumo que levou a folha,
Quem sabe a folha onde parou então?

O arbusto é o mundo: a folha secca o bardo:
O vento é a morte: o espaço a eterna vida:
Filha dos sonhos, perola da noite!
Guia minh'alma na amplidão perdida.

S. Paulo 16 de abril de 1860.

M. S.

A vingança d'um irmão.

I.

*La mort au-dessus d'elle errait dans la nuée,
Et j'entendais ce rôle, et j'écoutait ce chant.*

(V. HUGO, LES MEDITATIONS).

São onze horas da noite. A lua pallida reflecte apenas seus raios por entre densa neblina. Já se ouve o sibilar dos primeiros ventos de inverno em noite fria de Maio.

Lá se foram aquellas deliciosas noites de verão, quando na abobada celeste pintada de azul-claro, a lua caminhava bella, derramando sobre a terra arroubos de infavel poesia.

Como era suave, nessas noites, deixar a imaginação se elevar ousada como as ondas, e depois cair e se espriar cansada lá nas margens do infinito.

Hoje estou triste. Encerrado no meu gabinete, sinto a tristeza invadir-me a alma como invadem a natureza os primeiros vapores gelidos precursores do inverno.

Daqui estou ouvindo vozes de alegria, rizes, manifestações de jubilo... Nada contrista tanto o coração dorido como o prazer estrepitoso dos entes felizes.

Mas o mundo assim é feito: Muitas vezes uns riem-se em quanto outros choram: muitas vezes sobre as cinzas dos mortos os vivos se delectam nos encantos d'um baile,—d'uma festa—ou d'uma orgia... Parece que o homem somente encontra felicidade nos contrastes da vida, nas mudanças de situações.—Caminhae sob a influencia dessa idéa unica, ou d'uma affeição exclusiva, que vos absorvam todas as faculdades, e haveis de encontrar decepções, e decepções horri-veis....

Hoje estou triste. A impressão que causou-me n'alma o principio da historia dos amores d'um meu amigo fez com que minhas faculdades concentrassem suas forças sobre a paixão do amor, procurasse comprehende-la na sua essencia e manifestações.

Qual foi, porem, o resultado deste estudo? Foi concordar que o meu amigo, talvez tivesse sobeja razão, quando n'um momento de desanimo, pronunciou este pensamento: Quereis saber o que é o amor!—procurae ahí pelo mundo o que ha de mais enigmático na Creação.—

Este pensamento, manifestado por um co-

ração que se dizia amado, ou revela insania produzida por um perjúrio, ou completo septicismo sobre sentimentos d'uma amante que se dizia dedicada.

De feito, o meu amigo amava loucamente uma jovem que lhe correspondia com todas as forças da alma.

Mas esta moça perjurára e ia ligar sua existencia á de um homem que até então lhe era absolutamente indifferente.

Porque ella mudou?. Dizem que as fibras do amor somente estalam aos arrancos de amor.

Porque ella mudou? Será verdade que nas mulheres o amor, se reveste as roupas da puresa e unicamente para illudir um estudo sobre seu caracter.

Porque ella mudou?

Eu vou sol-o contar. É talvez uma historia immoral. Ali lutam e patenteam em toda a sua nudez, e elevados á paixão, estes sentimentos que tornam verdadeiramente grande e mesquinho o orgulhoso ser humano: o amor, a sensualidade, o odio, e a vingança. Será tambem mais um exemplo que prova que a virtude e o vicio podem residir n'um mesmo sentimento; que o que as distingue as mais das vezes é apenas uma circumstancia.—

Ei-la.

Éra um homem que amava profundamente uma mulher. Esta mulher chama-se... Mais tarde saber-lhe-heis o nome. Ella tem dezoito annos: seu coração deverá pois, amar com toda a força dessa idade, porque é além disso o seu primeiro amor. Ella é virgem. Seu corpo mostra não ter sido ainda estreitado por um abraço voluptuoso, seu rosto exala toda a puresa da innocencia e da virgindade. É uma fórma pura e suave de mulher, em cujos joelhos, a fronte d'um poeta penderá de inspirado; ou cujos encantos um libertino ao tocal-as, sentirá o coração bater-lhe, e os labios se alongarem para beija-los.

O meu amigo amou esta moça: como poeta, ou como libertino?

Quereis conhecer o caracter do meu amigo? dir-vo-lo-hei em poucas palavras, por que no correr desta historia tereis tempo e occasiões de estudar-lhes os sentimentos e as tendencias. É um moço de vinte e tres annos de idade. Natureza ardente, imaginação sonhadora, desconfia, porem, as vezes da realisação de seus sonhos. Para elle não ha gráo no sentimento: o extremo, e o exaltamento caracteriza-lhe as paixões. As-

sim elle zombará da reputação de uma mulher por elle perdida, escarnecerá d'uma lagrima derramada ao pungir de paixão violenta—porque não ama. Mas tambem nada fará hesitar seu coração fegoso, sacrificio nem-um será poupado ao ente que lhe fizer sentir um affecto profundo. Este ente fará delle um symbolo de virtude ou do crime—porque amava-o.

O meu amigo amou esta moça: como poeta ou como libertino?

Quereis conhecer a natureza deste amor? Quanto ao delle ei-la aqui.

(Continua).

GALVÃO BUENO.

NOTICIARIO.

THEATRO.

Com quanto o fim do nosso jornal não seja considerar o theatro em suas fazes opacas ou brilhantes, todavia como vemos nelle um elemento civilizador, uma face da litteratura, não roubamo-nos ao mandato de nossa convicção. Hoje só queremos noticiar aos nossos irmãos de lettras, que a empresa fez uma acertada aquisição na actriz—Deolinda, que se acha nesta capital. Na scena dramatica mais que um louro já perfumou a fronte dessa artista, mais que um folhetinista lhe tributou os suffragios da penna. A Sra. Deolinda é em seu genero comico uma actriz irreprehensivel: é artista de muita experiencia, voz sympathica, melodiosa, suave. Distincta pela affabilidade de seu trato e cortezia, conquistará entre os academicos, apologistas daquillo que é magestoso e grande na arte, altas e fundas sympathias. Se a empresa conseguir contractar não só a Sra. Deolinda, mas o Sr. José Luiz, ficará no theatro uma trindade de actores, que o salvarão de percieimento, pois muito necessita de uma actriz que auxilie as Sras. Minelvina e Carolina, entre nós já conhecidas e possuidoras de grande merito.

Mas essa nomeação do Bispo, que pede o *Regenerador*, para que é? a que vem semelhante emplastro?

Si a instrucção publica não é da privativa attribuição do governo, deixem-n'a entregue á si propria, ás suas proprias forças, ás suas leis regulamentares.

Si é, então não se metta no meio o poder espirital, tenha-se lá o Bispo, que o negocio não é seu, nem ninguem o chama cá.

Quando comprehenderão os nossos politicos que o Estado e a igreja são duas instituições inteiramente distinctas, que não devem empolgar, uma as attribuições da outra?

Já é tempo da religião libertar-se da tutela dos Cesares; mas por isso não queira já reagir e assumir a posição de tutora do Estado.

Repousemos um pouco.

No proximo artigo, fallarei da pedra de escandalo do *Regenerador*, o pamphleto de La Guerronnière: o *Papa e o Congresso*, das Encyclicas do Santo Padre, e do silencio do Sr. Bispo conde de Irajá sobre as questões da actualidade.

As cousas de si nem valem a pena de uma discussão; mas o *Regenerador* montou-as como o seu cavallo de guerra, e é bom que se apeie de tão fraca cavalgadura.

Um protesto que ainda e sempre vem á tempo.

Não quero saber das intenções que têm dictado os artigos religiosos do *Regenerador*; quero consideral-as puras e limpas de toda macula. Não cuidem, pois, que ha e nem procurem descobrir atravez das minhas expressões pensamentos occultos que não tenho.

Si escapar, nestes escriptos, algum termo menos cortez, alguma expressão menos considerada, que o *Regenerador*, ou quem se der por offendido, a tenha por não dicta, porque eu retiro-a.

Discussão franca, mas polida; eis o unico meio de chegar-se á um accordo.

S. Paulo, 15 de Abril.

† †

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 31.)

Quando uma tempestade rugia lá nos ares—elle a elevava no páramo das nuvens, e com ella contemplava o poder e a grandesa de Deus.

Seguia, com ella—os listões de fogo que—quaes serpentes, se encontram, luctam, e por fim morrem ao ecoar do trovão pelas immensidades do espaço:—e depois ia col-

local-a n'um raio da lua, ou d'uma estrella ao romperem-se as densas nuvens da tempestade.

Ideava sua forma ao pensar na harmonia das espheras suspensas na abobada celeste, e julgava ouvir-lhe a voz na melodia das vozes que saudam o Creador, no canto indefinivel da natureza,

Seguia, com ella, o redomoinhar do turbilhão por sobre a terra, o rugir da procella nos montes e prados:—e depois ia collocal-a nas azas da brisa que a noitinha perfuma os ares, ou sentia-a na aragem da manha que, embalsamando-se nas flores, vac morrer aos raios do sol nascente.

Seguia, com ella, a vaga que se quebra no extorcere dos elementos desvairados:—e depois ia ouvil-a no murmurar docemente do regato por entre fresca verdura.

Seguia com ella o doidejar d'um baile, quando o corpo causado estremece, e o coração geme de voluptia:—e depois ia adoral-a, de joelhos, diante de um altar, resando a Deus por seus amores.

Seguia, com ella, as turbas felizes no seu rir sobre as illusões da vida:—e depois ia collocal-a sobre um assento duro e mesquinho para d'ahi ouvir o cantar cadencioso, triste e dorido da pobreza no seu chão de miserias...

Seguia, com ella os folgares do mundo: dava-lhe esplendidos palacios, macios divans—um luxo offuscador:—e depois ia, bem longe do mundo, viver nas delicias de seus amores.

Seguia, com ella, o vociferar d'uma orgia, ali quando o vicio dos espiritos e o vicio do amor, rebaixam o homem á ultima escala da sociedade:—e depois ia, no silencio, contemplal-a na sua pureza de virgindade.

Quanta vez ao correr alto de noite de vigilia, quando o cerebro se lhe aquecia n'uma idéa—*Ella*—elle não pedia a Deus um raio da sua poesia infinita para doirar-lhe a existencia?..

Quanta vez seu coração não parava ao recordar-se d'um longo beijo fruido em labios que iam dizer-lhe—amo-te?

Quanta vez ao adormecer—na mente aquella imagem de amante, elle não gosava sonhos—e que sonhos meu Deus?..

Eis aqui como elle amava: era um amor de poeta, ou de libertino?

Quereis saber como a sua amante lhe respondia?

Eis aqui o seu amor:

Um dia suamãe jazia sobre um leito ago-

nisando entre dôres horriveis. A casa estava toda em movimento, porém moviam-se e fallavam baixinho. Em alguns olhos corriam lagrimas de verdadeira compunção. Este silencio atterrador era de vez em quando quebrado por um gemido lastimoso da doente ou pelo chorar suffocado dos assistentes. A anciedade e o terror pintados nos semblantes bem denotavam que todos esperavam um sinistro.

Era um desses dias que a luz nos incomoda,—porque tememos muito ver, e a noite nos causa medo—porque com o silencio vem a imagem dos tumulos... e o tumulo é o termo final a que jámais queremos chegar.

Era um desses dias lugubres em que a morte paira negra sobre a cabeceira d'um mortal... Ri-se e zomba com seu rir gelador, e depois ou desce a pousar na fronte pallida de sua victima—ao ecoar d'um hymno de plagas e blasphemias; ou se arreda fugitiva—ao ouvir vozes alegres de felicidade.

Miseria humana!.. A morte percorre o mundo sobre risos—cantos e flôres, ou sobre lagrimas, gemidos e maldições... Esse hymno horrivel é o hymno da humanidade...

Na porta d'uma ante-sala, bem proximo ao quarto da doente, distinguia-se, ao reflexo dos ultimos e desmaiados raios do sol, dois vultos que conversavam a sós, e quasi unidos.

Eram um homem e uma mulher.

Quereis saber quem são elles? Aproximemo-nos: a embriaguez do amor é tam bem uma cegueira—elles não nos viram.

Vêde: o homem é o meu amigo, amante dessa mulher, cuja mãe exala neste instante um gemido tão pungente...

Vêde: elle contempla, delirando, esse rosto tão suave, descorado pelo rapido pulsar do coração em sobresalto de amor...

Vêde: elle une os labios nos della, uma força magnetica os arrebatava,—elles immudem de felicidade...

Vêde: ella inclina a fronte abrasada sobre o peito de seu amante, e o braço delle cingiu-lhe a cintura... A languidez desse affecto tão profundamente sentido, fundiu suas almas uma n'outra... Seus corações estão a transbordar de amor...

Escutemos o que elles dizem.

= Oh—meu anjo!.. si soubesses o que neste momento eu sinto?.. Si eu pudesse verter em teu coração até transbordar todo

o amor que o meu contém? Mas tu não saberias me comprehender—eu mesmo ás vezes me assusto da intencidade desta paixão—Escuta. As vezes minha imaginação se aquece, se exalta—delira—porque tua imagem passa incessantemente por diante de meus olhos.—Como é bella assim como essa côr de volupia nas faces, com esses olhos humidos, com esses labios entre-abertos pelo suspirar do coração!.. Então sinto o sangue correr-me nas véas, meu ser devanêa—e eu daria a vida por estreitar-te nos braços, como te estreito agora, por beber em teus labios o mel d'um beijo lento em que as almas se tocam, por sentir em meu peito tremerem teus seios agitados—por te ver como agora pallida de paixão qual virgem que se assusta e deseja as caricias do amante!..

E a doente gemia em seu leito de dôr...

= Eu passaria, se mister fosse, por cima d'um cadaver—com tanto que me deixasses reclinar a fronte em teu collo, aspirar o perfume de tuas tranças soltas—e vêr-te emudecer ao comprimir de meus affagos!.. Com tanto que respondesses com um suspiro bem doce, á minha voz que te diz: Eu te amo!..

E elle beijava-lhe as tranças longas e negras, e a jovem suspirava aos carinhos de seu amante, e com voz cortada murmura. Oh—eu tambem te amo...

E a doente gemia em seu leito de dôr...

= Outras vezes, continuou elle com exaltação:—eu te contemplo com o respeito e sanctidade com que se contempla uma imagem... temo que um meu olhar, que um meu desejo não vão manchar o espelho puro da tua alma!.. Então de joelhos, com as mãos erguidas para o Céu, eu implôro: Meu Deus!—eu amo-a! a sua existencia já está infiltrada na minha existencia, sua alma já está casada com a minha alma!.. Dae-m'a meu Deus que eu não posso viver sem ella... Por ella eu aprendi a crêr em Vós—eu Vos amo, eu Vos admiro nessa Vossa creatura!. Dai-m'a meu Deus que eu não posso viver sem ella!..

E a doente gemia em seu leito de dôr...

= E eu não te amo com igual força lhe respondeu ella.—Por ti eu não desprezo talvez os ultimos anceios de minha mãe moribunda?. Por ti eu não abandono seu leito de dôres olvidando meus sagrados deveres de filha?.. Por ti eu não esqueço talvez seus ultimos conselhos, sua bençam suprema e derradeira... E duvidarás que te amo?.

E a doente gemia em seu leito de dôres...
 = Oh não! meu anjo!... Eu creio em ti como se crê no ideal que a imaginação crêa ao entrever os gosos do primeiro amor!. Eu creio em ti como se crê nos sonhos doirados d'um porvir que amante no-lo pinta e no-lo promette beijando-nos a frente. Eu creio em ti como se crê na mulher ao receber-se de seus labios a primeira confissão, o primeiro protesto, o primeiro osculo de amor!.. Eu creio em ti como a infancia crê nas preces dirigidas a um Deus justo e misericordioso!.. E como deixaria de acreditar naquella que suffoca no coração o grito da natureza? daquella que neste momento...

Aqui foram elles interrompidos por um gemido agonizante, gelador, que esfriava o coração e o fazia parar. Retumbam passos nos aposentos interiores, e movimento por toda a casa.

Os amantes se olharam com susto e com saudade, ao mesmo tempo. Era talvez o momento em que elles mais se amassem, em que suas existencias mais se ligassem em que a paixão se revelasse com mais força,—esse em que a morte lhes mostrava que tudo no mundo passa, que tudo é ephemero e fugitivo...

Com tudo um beijo estalou acompanhado destas palavras = Encontrar-me-heis quando saíres.

Já em tempo. Uma porta se havia aberto, e por entre seus batentes apparecera o vulto pallido e arquejante d'um velho.

Era o pae da donzella.

O meu amigo retirou-se dessa casa. Trazia o coração em lucta contra uma dôr e uma alegria, exalando uma prece de morte ou um suspiro de saudade.—Tal é o homem nas diversas phases da vida—sempre misérias e contradicções...

Ao sair encontrou, como lhe havia prometido, a sua jovem amante que o esperava.

A noite já vinha sombreando a terra, as estrellas se mostravam rareadas em um Céu nebuloso.

Este momento era supremo, suas almas gemiam oppressas, seus olhos espantados se interrogavam e elles não podiam fallar. Nos momentos criticos da vida o sentimento verdadeiro cala-se—embora a alma gema, e o coração chore; bofarinheiro de palavras, o sentimento falso declama, grita; cala-se embora a alma esteja soccegada e o coração indifferente. Elles sentiam verdadeiramente

—por isso calavam-se, mas este silencio era a mais viva expressão dos seus aduces.

Elles se separaram.

Um vulto que os observava deixou seu posto e fugio rapidamente. Ao meu amigo pareceu ouvir-lhe ou som que tinha alguma coisa do rir humano, porem mais do rugir de fera.

(Continua).

VARIÉDADE.

FECUNDIDADE DE ALGUNS ESCRITORES.

Ha escritores, diz Vigneul-Marville, a quem muito custa principiar, mas que depois correm a galope apenas a estrada está aberta. A primeira linha da *Historia Universal* de J. de Ehou lhe custaram mais do que o resto da obra, que continuou com grande celeridade. Outros escrevem facilmente, porem gastam muito tempo polindo suas composições. Tal era Horatio entre os Romanos; tal era Rabutin entre os Francezes. Outros em fim, e para sua desgraça, só podem escrever á pressa, e não tem paciencia de corrigir suas obras. Saumaise era deste character, que a ninguem deve servir de modelo, nem de exemplo.

Fabio Leonida, poeta italiano, suava longas horas sobre suas composições, e as retocava mais de dez vezes para lhes dar a perfeição que desejava. Pedro Maffei, que tão excellentemente escreveu em latim, não passava de quatorze ou quinze linhas por dia, Paulo Emilio Sanctorius que emprehendera tambem escrever na lingua latina a historia de seu seculo, era tão vagoroso na correcção do que fazia, que qualquer outro em menos tempo, escreveria a historia de todo o mundo.

Vangelas empregou trinta annos na tradução de Quinto Curcio, mudando-a e corrigindo-a sem cessar. A este respeito lhe disse Voiture: « Nunca acabareis, porque em quanto aperfeioaes uma parte, nossa linguagem muda, e sereis obrigado a refazer as outras. »

Balzac passava os dias e as noites a representar os seus pensamentos com aquella claresa de estylo e escolha de termos que todos admiram.

Petrarcha mudou um de seus versos quarenta e quatro vezes.

atirada para o outro, ficava n'um centro de espumantes vagas.

Um terço do caminho está vencido, e nisto que do porto se approximam, tredo vendo o chapéu de um ás aguas lança.

Mais obrio de prazer que conscio do perigo, intenta o jovem o chapéu das ondas agarrar.

Com o movimento que fez, o roliço barco é virado, e os que nelle vinham são lançados ao mar.

Oh ! momento fatal, horrivel scena !

Dous dos jovens, quasi ao mesmo tempo, foram submergidos ; um apenas ajudado por um dos remadores, ainda por algum tempo tentou prolongar a vida, mas chegada tambem era a sua vez ; e em uma grande vaga que o envolveu, sumiu para sempre ! Sómente os dous remadores, e á grande custo, alcançaram chegar á praia.

Freire.

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 38.)

Se eu vos perguntar, leitor : Esta moça amará o meu amigo com todas as forças do seu coração ? Por elle fará todos os sacrificios que uma mulher pôde fazer por um homem ?

Se me responderdes que sim, continuai a ler esta historia : se, porém, me responderdes que não, então largai este livro, elle não foi escripto para vós.

Sensibilisemos o quadro.

Sobre um leito jaz uma enferma. Sua vida se debate entre dôres horriveis, seus gemidos echoam dolorosamente no peito dos assistentes. Alguns passos distante deste lugar de dôr uma mulher se recosta voluptuosamente nos braços de seu amante. Seu rosto está pallido, essa pallidez, porém, não é a da dôr, é antes o fogo da lascivia que lhe desmaia as faces incendiando-lhe o sangue nas vêas. Ella geme ao estreitar de seu amante, e a esse gemido responde outro gemido que vem do quarto da moribunda... que motivo tão diverso os fazia exhalar?... Era a agonia da morte respondendo á agonia do amor... E essa mulher que parecia insensivel ao gemer pungente da enferma era a sua propria filha... E', talvez, horrivel. Cuidar de amores quando sua mãe gemia pendente entre a vida e a morte... quando, de repente talvez, exhalasse o derradeiro suspiro sem vel-a, sem ter a consolação de, nessa hora solemne

e terrivel, dizer-lhe o ultimo adeos e abençoal-a... porque a sua filha unica, o seu amor do passado, a creatura que mais lhe occupava o lugar de affeição abandonava-a moribunda, despresava suas ultimas caricias para ir n'ro silencio, no mysterio receber os carinhos do seu amante, deleitar-se nos encantos de seus amores... E' talvez horrivel. E' desmaiar na voluptuosidade d'um gozo sobre o chão aonde, em breve, talvez se abrisse um tumulto para receber o cadaver de sua mãe...

O ente que assim ama não pôde mudar, nem desligar de tal affecto. Paixão de tal natureza está presa a uma cadêa indestructivel, a uma cadêa cujas extremidades foram encravadas por Deos uma na vida e outra na morte. Esta cadêa poderá bambear ás tempestades do coração, porém jámais romper-se.

Portanto o meu amigo ou estava louco, ou mentia quando disse que esta moça perjurarã; ou então alguma cousa se passára de que elle não teve conhecimento, ou se teve não n'ro quiz revelar.

Quando o meu amigo referio-me esta passagem da sua vida não pude deixar de meditar sobre a força do amor, desse sentimento capaz de fazer do homem um symbolo de virtude ou de crime. Pareceu-me tambem estar ouvindo um conto phantastico. O meu amigo porém é pouco amante de historias imaginarias. E' um desses homens que quando amam é com phrenesi, desses homens que resumem a existencia n'uma idéa—a mulher querida, e marchariam ao seu encontro pouco se importando que o caminho os conduza ao ceu ou ao inferno.

Ora, a sua joven amante tambem pensava assim : portanto elles deveriam se amar profundamente.

Havia a mesma impetuosidade, a mesma sede ao solverem a taça do amor : elles reconheciam um sacrificio, e se achavam com animo de o praticarem.

Havia, enfim, uma harmonia intima entre seus pensamentos, desejos e esperanças : portanto suas almas deveriam facilmente se fundir uma n'outra.

Dir-se-hia que a fatalidade impellia estes dous entes ao encontro um do outro ; ou que suas almas se reconheciam depois de separação longa e carpida.

(Continua.)

em Berlin, em Vienna como em Londres e Paris.

No Brasil principalmente, onde estão ainda tão vivas as memorias da Independencia nacional, onde ainda são tão calorosas as luctas da liberdade, onde o espirito politico tem ainda tanta prevençãõ contra as ciladas das reacções, nada ha a temer da corrente do ultramontanismo.

Si ergui a voz contra este partido absolutista da Igreja e da sociedade politica, foi mais como um protesto contra a reacção jesuitica, do que por medo das consequencias das pregações do *Regenerador*.

Foi para que não se dicesse que os brasileiros consentem e authorisam por culposa indifferença os esforços do ultramontanismo para ter um quinhão do governo temporal.

Foi para que não se dicesse que permanecemos frios e impassiveis em presença das gigantescas luctas da liberdade na Europa.

A opinião do paiz não se deixará contaminar dos principios heterodoxos do *Regenerador*.

É a sua gloria e o seu triumpho!
S. Paulo, 22 de Abril de 1860.

† †

A viagem d'um irmão.

(Continuado de p. 46)

II.

Abriu a alma ao desespero e dá-la
à Satan.

ALVARES DE AZEVEDO.

Eram cinco horas da tarde quando sahi para ir ver o meu amigo.

Queria ter com elle uma conversação mais intima; queria conhecer mais miudamente as phases porque passára aquelle coração propenso ás paixões, e tantas vezes por ella batido e contrariado. A narração destacada d'uma passagem do seu viver interessava-me, porem não me satisfazia. Havia naquelle passado de mancebo ainda muita lembrança de sonhos que mentiram, muita recordação de saudade, havia, enfim, muito prazer e muita dor. Queria saber de tudo isto; queria sondar, até os ultimos arcanos, este coração que agora trava luta desesperada porque parece ser verdadeira.

A casa do meu amigo é situada na rua de... Subi a escada e entrei no seu gabinete.

Si eu estivesse com o coração alegre e disposto a pintar tudo que visse descreveria a linda vista que se goza deste lado da cidade de S. Paulo, mostraria quanto este gabinete é agradável e mesmo poetico. Colocado sobre uma elevação a vista se estende pelo espaço de mais de meia legoa ao redór da cidade. D'aqui vê-se o sol ao nascer. As vezes surge no horizonte e se eleva até certa altura embuçado n'um manto de nuvens vermelhas; outras vezes desponta bello, radioso, e caminha por um céu limpo de nuvens. De noite, ao luar, é encantador este gabinete. Então é impossivel, á quem admira a natureza, deixar de extasiar-se perante o expectaculo verdadeiramente maravilhoso que d'aqui se goza. A varzea que se prolonga aos pés da cidade cobre-se de alvos vapores e fórma perfeita illusão com um lago sereno. A lua, no seu caminhar, derrama raios prateados sobre o lago, e os olhos parecem distinguir ilhasinhas persemeadas em sua superficie lá quando, repente, lampeja o reflexo de luz baixa e fugitiva...

Mas voltemos ao meu amigo.

Ao entrar em o seu gabinete achei-o deitado n'uma rede. Fumava um charuto contemplando as fumaças que se elevavam ao tecto.

Tomei uma cadeira e sentei-me junto á rede. Elle nem se apercebêra da minha chegada que tal era o estado de divagação em que estava sua enferma imaginação.

Uma pallidez se lhe espalhava pelo semblante sempre que seus olhos se fitavam na nuvem de fumo que se desfazia no ar.

Dir-se-ia que as esperanças,—essas que se alimentam com lagrimas de sangue, se lhe-fiam morrendo no coração ao rir frio da realidade, ou, como o fumo, se desfaziam no ar.

Elle pensava, sem duvida, na mulher que amava, nesse sentimento cujas raizes mais fortemente prendem o homem á terra.

Entretanto, cumpre notar, é bem solemne o estado de desesperação que impelle o homem, ou para o heroismo, ou para o crime.

De feito, considerae-o martyr do amor. A fé viva que lhe acalenta o animo ergue-o até Deus e o nome de crença e de resignação. Sua alma, desligada do ultimo laço que a prendia, remonta ao céu, sua eternal habitação,—emquanto o corpo corrupto vae dar á terra o que é da terra...

Considerae, porem, o homem na loucura

da paixão. O cerebro se-lhe aquece, a mente se-lhe exalta, e sua alma, no paroxismo do desespero, lança-se torva no seio de Satan,—e exulta porque saciou seus instinctos, e ri-se porque se vingou...

E' que todo sentimento humano vê ante si dous caminhos a trilhar: o do bem e o do mal. O que o decide? Apenas uma circumstancia.

Quereis agora saber qual dos dous caminhos seguirá esse moço pallido que na prostração da dor permanece mudo seguindo com os olhos uma coisa tão frivola como é o fumo?

Eu não vo-lo posso dizer, porque não é dado penetrar-se no sanctuario do coração humano, e o combate do crime contra a virtude deve passar-se sem testemunhas.

Sabê-lo-heis quando aquella alma vos mostrar que das fibras dos affectos se exhalam vozes de fé, de crença, e tambem gemidos de duvida, gritos de descrença.

Sabê-lo-heis quando aquelle homem vos disser que Deus não quer um rival: que ha um termo ao caminhar do homem té o seu Creador—sua propria fragilidade, que alem está o impossivel, que por isso, a creatura fragil, muita vez retrocede para intentar novo caminho,—porque aquelle o conduziu ao nada.

Este moço soffria muito, soffria dessas dores que somente quem as sente pôde aquilatal-as e referil-as.

Assim era facil fazel-o fallar.

Ha no coração do homem dous sentimentos em que elle principalmente tem necessidade de se expandir, é o prazer e a dor. Então é preciso a existencia d'um amigo,—não desses que recebem nossas confidencias com sorriso ironico ou zombam hypocritamente do que mais nos affecta. E é tambem justamente na direcção destes dous sentimentos que o homem quasi sempre patentea a parte mais fragil e mesquinha da sua natureza.—Quando um concurso de circumstancias colloca-o no fastigio do poder, da felicidade, então, com a convicção nos labios, elle proclama altamente a existencia de um Deus justo e misericordioso, quando, porem, as mesmas circumstancias os despenham lá dessas alturas, então o homem, embuçado no manto do atheu, ou do sceptico, nega ou duvida da existencia desse mesmo Deus.

São almas de tempera fraca, de crenças vacillantes essas que não reconhecem que a vida é uma successão de dores e de ale-

grias, de grandezas e de miserias... essas que se não persuadem que tudo é vão, ephemero, fugitivo... que ha um termo—um só! a mesma perigrinação do homem—o tumulto, aonde se vão confundir, reduzidas a lôdo, as grandezas e vaidades humanas...

E entretanto, elles querem sorver até o fundo a taça da ventura...

Pobres loucos...

O meu amigo estava n'um destes casos, não porque sua alma fosse fraca e vacillante, e suas crenças duvidosas,—mas porque instantes ha na vida em que mesmo as intelligencias superiores lutam contra a fatalidade que as acabrunha, e por fim desanimam e cahem n'uma prostração moral. Era isto que lhe acontecia.

Dotado de imaginação forte, sonhadora elle ideava a existencia em quadros bordados de flores e de sorrisos, e depois ahi estava a realidade... e elle se achava só e pobre...

Por isso, em certas occasiões, o bafio gelido da descrença fazia dobrar sua alma e os labios lividos soltavam uma blasphemia contra Deus...

.....
(Continúa.)

NOTICIARIO.

Estatistica dos Jornaes americanos.

Publicam-se actualmente nos Estados-Unidos 2,520 jornaes. Só nos estados de Nova-York se publicam 428, 310 na Pensylvania, 261 em Ohio, etc.

Destes jornaes extrahem-se por numero 5,183:017; e o numero de folhas de todos estes jornaes sobe por anno a 426,409:978 (Censo de 1850).

Na cidade de Nova-York passam de 120 os jornaes e publicações periodicas, que sahem á luz, o que dá n'um anno nada menos de 80 milhões de folhas de papel. Ora, aquella cidade não tem mais de 850:000 habitantes; e Londres que tem quasi o triplo desta população, conta apenas 99 publicações periodicas, com que se distribuem por anno 53 milhões de folhas de papel. E em todo o Reino-Unido existem sómente 516 publicações periodicas, que fazem circular por anno 90 milhões de folhas de papel.

No ultimo *meeting* da sociedade ingleza de estatistica, presidida pelo dr. Forr, o dr.

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 54)

II.

Como, porém, eu não tinha vindo para vel-o pensar e fumar, cuidei de interromper-lhe o silêncio.

—Dir-se-ha, meu amigo, que em cada fumaça que se desfaz morre alguma esperança que...

—Ah! exclamou elle como que acordando: muito estimo que viesses me ver... Tenho soffrido muito!... Precisava de ti, precisava de um peito amigo dentro do qual minhas palavras tivessem echo, despertassem um coração que entendessem o meu... porque quero contar-lhe uma a uma todas as dores que sinto... Muito tenho que conversar contigo.

Accendi um charuto e esperei que o meu amigo, depois destas palavras, continuasse a me referir a sua historia.

Mas aquelle cerebro estava ardendo, os pensamentos se encontravam e elle cahiu em novo silencio.

—Meu amigo, principiei então: as nossas relações não datam de hoje, o tempo as tem estreitado. Desd'então temos alimentado uma amizade constante e verdadeira.—Hei-te patenteado todos os reconditos do meu coração: minhas esperanças, minhas ambições, meus sonhos, tudo, enfim, te hei revelado com a mais franca e sincera amizade. Tens praticado o mesmo para comigo. Entretanto, descobrindo alguns pontos obscuros e mysteriosos na tua vida, e tendo, com titulo d'amizade, pedido esclarecimentos á respeito, tens te excusado, tens illudido as minhas questões.—Hoje, porém, exijo de ti um esclarecimento completo. Quero que me refiras a tua vida passada, que me esclareças sobre este mysterio que ora te rodêa. Sei que amas. Já conhecias essa moça, e por isso devias-lhe conhecer a vida, a sua posição e caracter; devias igualmente ter ponderado a possibilidade de te unires a ella. Entretanto amaste-a. Lançarias, por ventura, um véu sobre o seu passado, e hoje soffres porque levantas esse véu?

—Enganas-te!... Não é o seu passado que surge ante mim e me faz gemer como sob o peso d'uma maldição!... É o presente que se ennegreceu, e lá nas trevas, em vez dessa imagem d'anjo que me sorria, surge o vulto d'um phantasma livido que faz ouvir constantemente estas palavras infernaes: —Insano!

arrasta a existencia pelo chão da pobreza, e não ergas os olhos á filha do rico... Eis o meu presente—miseria e desespero, eis o meu futuro—miseria, desespero, e quem salta o resto?..

A minha mocidade foi tempestuosa, continuou elle. O turbilhão das paixões por vezes me arrastou pelas sendas da devassidão e até do crime... Amei a muitas mulheres para depois zombar dellas infamemente... Pensei que a depravação houvesse corroido o meu coração, pensei que o cancro roedor do vicio houvesse minado os meus sentimentos, pensei que mais não pudesse amar... Entretanto o halito perfumado daquella virgem embriagou-me, senti sua alma passar pela minha alma—roçal-a, e purifical-a... e eu amei-a como se nunca houvesse amado na vida...

Os annos correram rapidamente, e um dia eu me achei face á face com essa criança então já moça. Ella havia seguido o seu destino: caminhára sobre flôres e sorrisos, e cingira a fronte com a corôa dos entes privilegiados. Eu tambem segui o meu destino. Só no mundo, sem conselhos, entranhei-me pelo primeiro caminho que se offereceu ao meu caracter fogoso—o da dissolução. Por fim estava farto, e de toda essa loucura só havia colhido decepções e remorsos.

Um dia, pois, eu me achei face á face com essa moça. Recordei-lhe a nossa infancia—ella baixou os olhos e nada me respondeu. Recordei-lhe nossos juramentos, nossos brincos infantis, certa promessa que me havia feito quando eramos crianças—ella suspirou e ergueu os olhos para o céu. Perguntei-lhe quantas vezes se ama na vida—Uma só—me respondeu e fugiu de minha presença.

Eu senti então que alguma cousa de extraordinario se passava em mim... Neste momento meu coração agitou-se, estremeceu, uma corda que até ali me era desconhecida tangeu notas puras e suaves como voz de virgem exhalando harmonias do peito.

Isto fez-me pensar no passado, nas minhas ligações, nessa vida desvairada que eu levára—e envergonhei-me... Meu viver tresloucado parecia-se a uma figura macillenta, cujas roupas brancas eram manchadas pela baba torpe da devassidão... E apoz esta figura, como em fundo de um quadro negro, radiava a imagem d'uma virgem pura, dedicada, com a fronte circumdada de corôa de amor... Oh—o insano que tantas vezes se revolvêra ebrio no leito das perdidas poderia, por ventura, aspirar o leito da virgindade? E porque não? —Haydea—a pura flor das ilhas não desabro-

chou e pendeu aos beijos de D. João? E o libertino não amou-a loucamente, não se purificou no banho daquelle amor!.. Ah—eu me ia esquecendo que era pobre!.. que o pobre não pôde ter um affecto... Todos lhe fogem, todos o desamparam... e muito é se na miseria um irmão de padecimentos lhe abre o peito e choram juntos... Mas o rico como lhe ha de apertar a mão se teme que essa mão lhe vai pedir alguns vintens... pedir-lhe a vida!.. O pobre é um assassino— e o rico foge-lhe como se fugisse do proprio crime...

Comtudo, uma idéa me atormentava. Entre mim e essa virgem havia um abysmo, havia o espaço que separa a virtude do crime, a distancia que vai entre a moça pura e a mulher perdida.

Para fugir da pressão desta idéa triste, fui abrigar-me á sombra dos sonhos da imaginação. Ideei um futuro novo, uma vida cheia de incantos e de flôres. Doia-me a realidade porque rasgando os véus dos meus sonhos, riase ja minha insania limpando-os um a um e me impellindo ao desespero. Mas aquelle amor puro outra vez voltava a encher-me a alma de esperanças.—

Foi d'ora em diante a idéa que alimentou-me a vida, idéa que nos meus delirios por noites de insomnia queimava-me o cerebro como se um ferro em brazas me trapassasse o crance. Minhas crenças renasceram, Deus teve piedade de mim. Deus, que eu sempre crêra não existir senão nos tempos da meninice quando se quer fazer a criança obedecer amedrontando-a com o maravilhoso; Deus que eu sempre julgára ser o arrimo do ignorante ou do pusillanime,—Deus teve piedade da sua creatura desvairada. Abriu-lhe os olhos, rasgou os véus da descrença que lhe incubriam a morada dos justos. Oh—quanto é bella a imagem da virtude e hediondo o vulto do vicio!.. Perdão, pois, meu Deus, se um momento eu vos desconheci e fui queimar incenso no altar do vicio!..

O meu amigo calou-se, e escondendo a fronte nas mãos parecia meditar.

Não quiz interrompê-lo. Este silencio devia ser respeitado, porque revela um estado em que o ente humano ou é verdadeiramente grande e sublime ou fragil e mesquinho: o combate das paixões.

Este neophito da virtude que ha pouco deseria de tudo e agora em tudo crê só porque uma voz de virgem lhe despertou no coração

sensações desconhecidas, offerece uma phase da vida humana curiosa de ser estudada.

Acreditaes, porém, naquella regeneração?

Si acreditaes admiraes o papel sublime que representa a mulher fragil.—Ella dá calor ás crenças do homem, ella pôde, com seu debil braço, arrancar á Satan a sua victima e collocar-a no numero dos eleitos de Deus.

Si não acreditaes, admiraes assim mesmo a missão confiada á companheira do homem.— Collocada como que entre o céu e o inferno ella pôde regenerar o vicio e corromper a virtude, caso seu amor seja dado ao vicio, ou seu despreso á virtude...

Eu duvido da regeneração que se opéra por um sorriso de mulher.

(Continua.)

DUAS PALAVRAS EM RESPOSTA Á CRITICA FEITA AO = GOLPE DE VISTA SOBRE A HISTORIA UNIVERSAL, POR FREI FIRMINO.

Em um dos numeros do *Kaleidoscopio*, deparamos com um artigo, cuja epigraphe = Golpe de vista sobre a Historia universal, por Fr. Firmino = attrahio-nos a attenção, por isso que, já tinha-nos vindo á mão essa obra, e por certo n'um jornal litterario, não se apresentava, sinão sujeita á uma analyse rigorosa, que chamamos — critica — e com franqueza o dizemos, sempre amamos a critica, entenda-se-nos bem, quando nascida de um juizo imparcial, e reflectido, do contrario, não será mais do que uma expressão vaga, longe de esclarecer os juizos dos outros nas materias sobre que versar, irá obscurecel-as. A critica é, em o nosso fraco entender, uma poderosa alavanca da sciencia, é, podemos ainda dizer, o — crisol da intelligencia. Prestamos pois toda a nossa attenção na leitura da critica feita ao Golpe de vista do Sr. Fr. Firmino; permitta-nos agora o seu illustre author, que façamos algumas reflexões imparciaes, e possamos vêr, se com effeito, ella foi bem cabida.

Começa o author por censurar a curia romana, considerando-a como a causa principal dos males sobrevindos á mais pura, e mais santa religião, que jámais houve, fallamos da religião christã.

Não o acompanhamos em seu modo de pensar, porquanto um ou outro abuso, que alli tenha-se dado, não pôde authorisar ninguém a irrogar-lhe uma tão acre censura, seria mesmo um contrasenso attribuir uma

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 60.)

O meu amigo continuou :

Eu amei esta mulher como se nunca houvera amado na vida. Julguei-a um ente enviado por Deus para salvar-me do crime, um ente puro, luminoso, que devia mostrar-me o abysmo, arrancar-me de suas bordas e conduzir-me á morada da pureza.

Sondei meu coração que julgava estar exaurido. Nelle havia ainda amor bastante para inundar o peito e affogar nos labios os suspiros da mulher que me amasse.

Eu estava isolado no mundo, pobre, sem familia, e quasi sem Deus: fazia dessa mulher meu unico mundo, minha unica familia —meu tudo!

Um dia, casualmente, achei-me á sós com ella. Contemplei-a silenciosa: vi que estremecia. Seus cabellos atados em tranças caiam-lhe pelos hombros, tomei uma dellas e beijei. Ella corou e depois empalideceu. Beijei-lhe segunda vez a trança, terceira, muitas! ella quiz fugir:—Escuta, lhe disse retendo-a: serei breve no que te vou dizer.—O que é?... perguntou voltando, o que me pertendes dizer?—Uma só palavra, mas nessa sinto que se resume a minha existencia inteira: amo-te.—Tu me amas?! exclamou admirada, ou por amor ou por incredulidade, mas que o meu orgulho tomou por ironia. Tu me amas?!... e quantas vezes, e a quantas mulheres não terás, mentindo, pronunciado essa palavra?...

—A voz do pobre sôa sempre mal nos ouvidos do rico... Talvez não fosse irrisão si eu, para dizer que te amava, houvesse collocado esta palavra no meio de lindas phrases, de engenhosos pensamentos... si eu usasse de uma lingoagem doce, meliflua, requintada... dessas que soem usar os moços da moda, das altas sociedades...

—Oh não continues a me fallar assim! me interrompeu ella. Estás ferindo os meus sentimentos!... Que me importa a mim que o amor se revista com as roupas ricas, brilhantes da opulencia, que habite um esplendido palacio, que aspire somente as grandezas?... Escuta uma vez, e para nunca mais te esqueceres, a maneira porque eu amaria e quereria ser amada. Eu amaria um homem tanto nos esplendores das riquezas como nas privações da miseria. Eu iria sem medo levantar dos andrajos da pobreza, ou cobrir-me com elles o homem que

me amasse com a mesma força com que me sinto capaz de amal-o. A' esse homem eu diria francamente: si o teu coração pulsa pela effervescencia d'um affecto unico, exclusivo, ardente, desses que alimentamos no silencio com lagrimas e gemidos, com risos e alegrias, desses cujo nome pronunciamos d'involta com as nossas orações—porque tambem o adoramos: dá-me esse amor talqual o sentis, e minha alma e meu corpo te pertencerão.

Ella retirou-se ao terminar estas palavras.

Muitos dias se passaram durante os quaes ella evitava cuidadosamente as occasiões em que eu lhe poderia fallar. Comtudo eu bem via, uma idéa a preoccupava.

Um dia, porem, fui enconral-a no mesmo lugar em que lhe havia dito que amava-a. Ella desfolhava uma rosa rara que lhe ornava os cabellos. Aproximei-me, e fui sentar-me diante della. Estremeceu, á minha chegada e a flor caio-lhe das mãos.

—Em que scismavas? lhe perguntei. Accaso fazias dessa flor o teu horoscopo?—Talvez, me respondeu. E' que a vida d'uma moça, principalmente d'uma moça rica bem se assemelha a essas flores raras em nossa terra. Transplantadas n'um paiz estrangeiro, seu unico merecimento consiste as vezes somente na raridade.

—Não percebo bem a semelhança, insisti já parecendo-me ver outra ironia no seu pensamento.

—E' clara. Colloque-se esta flor n'um jardim e ella não chamará a attenção porque lhe falta o perfume e brilhantismo da cor. Declare-se porem, que é uma flor rara de outros climas, e todos se apressarão em admirar-a, em proclamal-a a mais bella do jardim... e isto somente porque é rara. O mesmo acontece á uma moça rica.—Desconhecida no centro d'uma sociedade ella ahi ficará isolada—porque lhe falta o fulgor das joias, ou os attractivos da belleza. Declare-se, porem, que essa moça é rica, d'uma riqueza immensa!—e enxames de adoradores virão cercal-a, proclamal-a a mais linda da sociedade... somente porque sua riqueza é grande, é rara.—Mas por ventura esta moça e esta flor serão estimadas pelo seu merecimento proprio? Eis ahi em que eu pensava ao desfolhar esta flor.

—Tem razão!... respondeu-lhe o meu orgulho: a—ambição embriaga e céga o homem!... Os sentimentos do pobre são sempre comprehendidos pelo rico na palavra ambição... Para o pobre o sanctuario da virtude é ve-

dado porque por suas portas só é permittido passarem as galas do potentado... Sim, eu quizera ser rico, muito rico! porque então eu teria um titulo para dizer que te amava sem temer que meus sentimentos fossem considerados como ardis para obter a tua fortuna...

Ella nada replicou, e o que havia de dizer? Minhas palavras eram acres, eu não lhe havia entendido o pensamento, pois que o orgulho me cegava.

Depois ella me perguntou :

—Já amaste verdadeiramente alguma mulher?

—Não: amo-te agora.

—E como poderás provar esse amor?

—Como poderei proval-o? Ah! está a minha vida presente para t'o dizer. Sim, Deus teve piedade de mim collocando ás bordas do precipicio um anjo que reteve minha alma ao despenhar-se na torrente da perdição... Despio-a das roupas do passado, lavou-a no banho do mais sincero arrependimento, fez retirar com sua luz o espirito do mal que ia apagando do meu coração os germens dos bons sentimentos, deu-lhe novas crenças, novas esperanças.—Esse anjo és tu... porque não deixarás, pois ao misero que salvaste consagrar-te toda a sua existencia?

.....
Eu já t'o disse. Esta moça amou-me com um amor santo e criminoso a um tempo. Esse raio tão puro que Deus deixou escapar de sua corôa divina,—o amor, ella o sentira, que se havia reflectido em sua alma e animado todo o seu viver.—Era santo este amor.—Ao doer d'um gemido de sua mãe que agonisava ao rir frio da morte ella zombára, ou a força d'um sentimento immenso a prendia a mim fazendo-a esquecer deveres tão sagrados. Era criminoso este amor.

Até aqui somente te hei esboçado o quadro da minha felicidade na posse do affecto desta moça; escuta agora a transição... é a historia do homem.

Um anno se passára apoz esse dia em que eu e ella sorvemos na taça da ventura o seu licor mentiroso. Eu bebi o lethies do amor; ella, coitada!... sua mãe morrera quando trocavamos a ultima palavra de amor...

Durante esse anno—ainda era criminoso este nosso amor!—fallavamos de sua mãe e do nosso affecto; da sua enfermidade, de seu martyrio, dos seus ultimos e pungentes instantes, e dos nossos curtos porem deliciosos momentos de prazer... Quando cercavam seu leito, e sondavam-lhe no rosto

livido, nos olhos impanados, no bater irregular e enfraquecido do coração os ultimos alentos d'uma vida que já lhe escapava:— nós, no silencio só viamos o nosso amor.

Mas havia quem nos espreitasse, e visse e ouvisse a nossa despedida quasi na hora em que a doente espirava. Era um velho coberto de andrajos, e que eu muitas vezes encontrára aqui em outros logares. E' um mendigo, sem duvida, mas não sei porque ao vel-o o coração se me estremece involuntariamente.

Hontem o pae da minha amante recebeu uma carta anonyma em que lhe relatavam miudamente todos os passos de sua filha; hoje recebo uma carta igualmente anonyma em que me dizem que um casamento se está contractando para ella... Procurei-lhe fallar, impossivel!

Hoje espero vel-a no baile; ali vou atirar o ultimo dado neste jogo da vida!...

.....
Ao terminar estas palavras elle se ergueu, abriu uma gaveta e della tirou um livro de capa verde que me entregou dizendo: eis— aqui, meu amigo, algumas folhas manchadas do meu passado, algumas puras e brilhantes do meu presente... e em breve saberás do meu futuro.... Lede-as.

Apertei-lhe a mão e retirei-me.

(Continua.)

MOSAICO.

O immortal poema de Camões tem até hoje 42 versões em varios idiomas: versões francezas, 14; latinas, 6; italianas, 5; allemães, 5; hespanholas, 4; inglezas, 4; succas, 2; dinamarqueza, 1; hebraica, 1.

Contendendo um christão com um judeu sobre qual teria maior numero de Santos, si a lei antiga, si a lei da graça, apostaram, ajustando-se a que, por cada Santo que alternativamente nomeassem, arrancariam um cabello da barba.—«Abrahão, começou o judeu e logo arrancou um cabello da barba ao christão.»—S. Pedro e S. Paulo, dice o christão e arrancou dous cabellos da barba ao judeu.»—«Os tres meninos da fornalha, e arrancou tres cabellos.»—«Santa Ursula e as onze mil virgens, clamou então o christão; e lançando rapidamente as mãos aos grandes bigodes do judeu lh'os deixou escorrendo em sangue.»

minar todas as grandes questões, que dizem respeito á sua educação e bem estar.

A instrucção, que deve ser com igualdade repartida, e que para o pobre, para aquelle, que não nasceo sob o linho do poder é o unico meio de elevar-se ás altas posições do Estado, só pode ser hoje adquirida mediante forças, que a pobreza não tem a seu alcance.

A pouca attenção, que este assumpto tem merecido dos governos, que tem successivamente galgado o poder, a incuria desses, que tem deixado de entregar a homens especiaes o estudo do tão importante assumpto, tem causado males cujos effeitos não podem ser agora apreciados, mas que, nem por isso, deixam de ser funestissimos.

Se estudassemos com acurada attenção, as reformas que a este respeito tem realizado o paiz pensador por excellencia, a Allemanha, veriamos que não é para desprezar a questão da instrucção do povo.

Quando vemos que a cada idéa nova apresentada para a melhor realisação do systema representativo se oppõe a valiosa razão de não estar o povo preparado para recebê-la, parece fora de duvida, que se deveria quanto antes remover a unica causa que impede o melhoramento das cousas. Mas é disto que não cuidam aquelles que tendo, as regalias e proveitos das posições lucrativas, não querem aceitar os onus que ellas impõem. Desprezam a felicidade do povo aquelles que ousam dizer que para elle não ha justiça, pois que não tem direitos.

E na realidade era de esperar que a muito tivesse sido proposto ao poder competente um dos meios, que, em nosso pensar, melhorará esse ramo dos publicos negocios, que tem por objecto a parte intellectual e moral da sociedade

Era para desejar que já tivesse sido realzada a idéa de haver um ministerio especial, que encarregado da realisação desse grande desideratum, não se visse sobrecarregado de outros affazeres diversos, que o podessem distrahir de tão importante fim. A favor d'esta reforma se ostentariam os resultados colhidos pela Prussia que em 1819 alcançou um ministerio especial, que devia tratar tão somente da instrucção publica, que até então estava entregue aos cuidados do ministro do interior. Poderiam apresentar-se como garantia do bom exito de tal reforma os beneficos effeitos, que ella produziu n'Allemanha, quando executada.

Nós, porém descendentes de Portuguezes somos como elles caracterizados por uma

inercia que nos faz considerar a innovação e reforma como um acto de funestas consequencias e que devemos evitar; é por isso que nada somos e nada poderemos ser.

M. da Luz.

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 83.)

III.

PAGINAS D'UM LIBERTINO.

1.º FRAGMENTO.

Do leito aonde o vicio acalentou-me
O meu primeiro amor fugiu chorando...
Pobre virgem de Deus!
Um vendaval sem norte arrebatou-me
Acordei na treva... profanando
Os puros sonhos meus!

(ALVARES DE AZEVEDO.)

O livro que o meu amigo me déra para lêr era o seu Diario, ou antes, algumas paginas da historia das suas paixões. Extrahi delle dois fragmentos a que dei o titulo do presente capitulo.

« Algum mysterio envolve o meu nascimento. Talvez que algum crime bem horrivel horrifiasse de sangue o meu berço infantil... Não sei quem são meus paes.

« Uma vez, inquirindo o meu bem-feitor a este respeito, vi impallidecer-se-lhe o rosto, e seus labios me impuseram um silencio eterno... Sem duvida nasci de um crime.

« Mas, quem é este homem que acerrou-se da minha infancia, dando-lhe os cuidados de pai? Quem é esta familia que me recebeu em seu seio?... Não sei... Necessariamente algum laço mysterioso me liga a elles...

« Sou um engeitado, dizem, filho de pais pobres, e que por comiserção cuidaram de minha infancia.

« Entretanto, não me posso illudir, a maneira por que esta familia me trata está acima do tratamento que se costuma dispender com um engeitado. Com effeito, o que quer dizer esse quasi acanhamento que observo no meu bem-feitor, quando em nossas raras conversações, eu insisto em saber quem são meus paes?... Necessariamente alguma rasão secreta lhe dicta este proceder.

« Em 183... um homem trazendo com si fundos immensos, veio se estabelecer em S. Paulo.

« Ninguém sabia quem fosse elle, nem a que familia pertencia. Souberam sómente que era um portuguez multissimo rico, que, querendo se estabelecer no Brazil, escolhera para residencia a cidade de S. Paulo. Conheciam-no pelo nome de Francisco Gonçalves.

« Sua familia constava de: sua mulher, moça de vinte cinco annos; de uma menina, sua filha, que teria dois annos d'idade; e d'um menino engeitado, que teria de quatro para cinco annos. Chamava-se Henrique.

« D. Angela, assim se chamava esta senhora, amava o menino Henrique quasi tanto quanto a sua filhinha Julia.

« Eis aqui quem eu sou, pobre, engeitado, vivendo ás esmolas d'um rico... e nem ao menos sabendo quem são meus pais, e nem quem é a honrada familia que me educou.

.....
 « Dez annos correram sobre a minha infancia. Julia tinha então doze annos e eu quatorze para quinze.

Julia me amava, não como uma irmã ama o irmão, porque desde cedo o Sr. Gonçalves fez-nos conhecer quem eramos, Julia amava-me com esse affecto que germina na infancia, orvalhado pela innocencia, e que com o tempo cresce e se enraiza no coração virgem ainda de emoções e sentimentos que não os filiaes.

« Viviamos sempre junctos, e junctos passavamos os dias e as horas em brincos de criança. A' noite, antes da hora de dormir, D. Angela nos fazia rezar: eu pronunciava d'envolta com a minha oração o nome de Julia, e Julia mormurava o meu. Entretanto, antes de separar-mo-nos, para no dia seguinte de novo nos reunir, a nossa boa-noite era no silencio, e era deliciosa. Aquelle corpinho delicado se unia ao meu n'um estreitado abraço, e ás vezes, uma lagrima de amor e de saudade, por tão curta separação, rolava por nossas faces e um beijo puro e longo como um adeos acompanhava estas palavras: Sonha comigo!..

« Oh eu amava muito esta menina!... Si com tudo o nome de amor se possa dar ao sentimento que ligava as almas de duas crianças ignorantes e sem rasão.

.....
 « Um dia passeavamos nos jardins da chacara em que o Sr. Gonçalves ordinariamente residia. Meu braço pousava sobre o hombro de Julia e o della cingia-me a cintura... provavelmente eu lhe ia dando repetidos beijos

cada vez que lhe dizia que a achava mais linda do que quantas flores encontravamos. A's vezes ella corava, parecia então aquelle pudor a rosa encarnada se abrindo aos poucos: uma exhalando os primeiros perfumes da alma, outra o delicado aroma de flor: ambas puras no desabrochar da belleza.

« Depois de assim andarmos pelo jardim, paramos, e—para que recordal-o?... juramos um amor eterno; juramos que mais tarde nos ligariamos eternamente—Loucos era jurarmos uma loucura que o tempo devia comprovar!..

« Então Julia me deu para attestado da sua promessa um anel de seus cabellos, o qual ainda conservo. Testemunharam este juramento o céu e as flores... mas o céu estava carregado de nuvens negras, e as flores começavam a pender após um sol ardente. Era talvez um mau agouro e nossos corações descuidados não o sentiram...

« Sem pensar no futuro assim viviamos na embriaguez deste affecto infantil.

.....
 « Um dia o Sr. Gonçalves chamou-me em particular, e me disse, que era mister cuidar mais seriamente da minha educação, que era preciso que eu fosse para um collegio, e que me preparasse para partir para o Rio de Janeiro.

« De tudo isto eu só entendi que me era forçoso separar-me de Julia.

« Separar-me de Julia, meu Deus!...

« E nossos dias então como eram tristes!.. E nosso amor como se aprofundava ao orvalhar-se em nossas lagrimas tão doidas?...

« Eramos então inseparaveis.

« Quando estavamos sosinhos eu collocava Julia sobre meus joelhos, bem unida ao meu coração. Sua fronte intristecida pendia-me sobre o peito, e eu conservava suas mãosinhas macias dentro das minhas. Ella soluçava e eu beijava-lhe as lagrimas, beijava-lhe os olhos, abraçava-a ternamente, e depois punha-me tambem a chorar com ella...

« Finalmente chegou o dia e eu parti para o Rio de Janeiro.

.....
 « Triste, monotono era o viver longe de Julia, em uma cidade, dentro de um collegio onde eu não encontrava um rosto amigo, um peito que se abrisse ás minhas dores, que ouvisse meus pesares sem zombar de mim!...

« Nas horas vagas, longe de partilhar dos recreios com meus collegas, preferia retirar-me para o vão de uma janella donde se avistava o mar.

« E que saudades e que dores tão intimas

eu não sentia no coração ao avistar um navio que chegava ou partia para o porto de Santos!?... E que lagrimas tão ardentes, tão da alma não me queimavam as faces, ao receber uma carta de D. Angela, tão boa, tão carinhosa?... E quantas vezes não fui eu objecto de riso e de escarneo, quando meus collegas me iam encontrar, quasi linceo, riudo e chorando, com os labios collados sobre uma carta?... eu beijava o nome de Julia...

« O Sr. Gonçalves, porém, rara vez me escrevia e quando o fazia eram cartas laconicas, sensibilizando-me a necessidade, ou o dever que eu tinha de applicar-me aos estudos.

« Durante um anno as cartas de D. Angela vinham me servir de lenitivo, porque fallavam sempre de Julia.

« Entretanto Julia me escrevia directamente uma só vez.

« Desejoso de receber lettras suas, um protesto de amor traçado por seus proprios dedos, um dia lhe escrevi uma carta. Nella derramei toda a saudade de um affecto acrisolado pelo soffrimento da separação de um anno.

« Não tive resposta.

.....
« E as cartas de D. Angela foram-se tornando cada vez mais raras, e o nome de Julia rara vez apparecia nellas.

« Eu não sabia a que devesse attribuir isto.

.....
« Entretanto a minha applicação aos estudos produzia effeitos: meu nome era o primeiro que figurava na lista dos estudantes das aulas que eu frequentava.

« Eu contava então dezoito annos.

« O meu character se ia desenhando á medida que a minha rasão se desenvolvia, e nelle eu descobri tendencias irresistiveis para os vicios...

« E eu não tinha nem pai, nem mãe para velarem sobre mim, para reterem, em quanto ainda era tempo, a minha alma que propendia ás paixões más... Nada!... senão pessoas que me educavam por dinheiro...

.....
« As paredes do collegio começaram a me causar tedio. Esta vida de prisioneiro ao ferver dos ardores dos dezoito annos tornava-se-me insupportavel... Eu queria respirar em liberdade.

.....
(Continúa.)

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

VIII.

Entre os povos christãos, ao menos depois do seculo IV em que foi estabelecido, que as festas em commemoração do nascimento do Filho de Deus, Nosso Salvador e Redemptor Jesus Christo, fossem feitas no dia 25 do mez de Dezembro, tem sido geral o costume de guardarem como dias feriados, os que decorrem desde o Natal até o dia dos Reis, e assim durante este prazo, deixando de alguma maneira os seus trabalhos regulares, os christãos uzam entregar-se mais a passatempos e recreios, do que aos cuidados e affans da vida ordinaria.

No nosso Paiz á imitação da antiga Metropoli, como esta da de Povos ainda mais antigos, tem sido sempre tidos como festivos estes dias.

As festas do Natal, Anno Bom e Reis são sempre bem vindas a todos que anciosos esperam, como por um tempo em que tudo deva respirar prazer, divertimentos e folguedos. Um tempo em que quasi todos fogem das occupações mais serias, em que as festas, os bailes e outros divertimentos se multiplicam, em que as saidas para o campo, as vesitas e reuniões de familia são consideradas como em a estação mais propria: justo e bem justo é, que gozem do geral contentamento, e se divirtam, e abandonem tambem, por esse pequeno periodo festival, os seus trabalhos e ladigas escolasticas, os alumnos deste collegio; vós, meus caros meninos, que tendes durante o anno vos esforçado por bem marchades na carreira do progresso intellectual, na longa via que conduz ao Templo da Sciencia; e que tão ambiciosos vos tendes mostrado em illustrardes o vosso espirito, e em enriquecer-vos de conhecimentos.

Paremos, pois, hoje com os nossos trabalhos regulares, e fiquem elles interrompidos até o dia 7 do proximo Janeiro; quando de novo deveis proseguir na senda começada; e então mais descansados e mais avidos ainda de saber, conto que marcareis cada dia que seguir-se com um novo triumpho escolastico.

Ide, e diverti-vos; porem segui sempre pela estrada do dever; e que sejam os vossos divertimentos de natureza a não vos estragar a moral, nem a embrutecer-vos o espirito.

tector desvelado, e sempre affanoso em busca do meu bem estar: já não existe! para sempre o perdi; e orpham e inconsolavel tenho de continuar ainda neste mundo, sentindo e lamentando a ausencia d'elle! revolvendo-me no vacuo immenso, em que a sua falta me colloca!

Nem serei eu o unico que o lamente, como por certo o não sou a quem elle deixa em orphandade.

S. M. da S. F. é sem duvida um nome bem conhecido em quasi toda a provincia do Maranhão; elle era o de um verdadeiro philantropo, de homem incançavel no cumprimento dos seus deveres, quer sociaes, quer particulares.

Tinha sido bom filho e fôra optimo esposo; e nesse longo praso da sua viuvez, foi sempre o mais desvelado dos paes, e o melhor e mais benevolo dos amigos para com seus filhos.

Cidadão pacifico, amigo dedicado e prestimoso, elle assignalava os seus dias com os beneficios que fazia.

Geralmente estimado, era um devotado amigo da humanidade.

Orico ou o pobre, si os differençava, era em procurar ao ultimo suavisar o seu estado.

Os orphãos, as viúvas e familias desvalidas, e em geral os necessitados, que digam quantas vezes elle lhes enxugou as amargas lagrimas da desesperação; que ennumerem as vezes que com elles repartiu desse pouco pão, que as revoluções e os transtornos da vida deixaram para o sustento da familia que aliás tanto idolatrava.

Aquelles que como medico o consultavam, que manifestem a sua humanidade e piedade; e que mais vigor pareciam ainda ganhar junto ao leito do que soffria, e perto do miseravel.

Pae da pobreza, tal era o honrosissimo titulo que tinha sabido adquirir e merecer no Maranhão, pelos innumerados beneficios e caridade sem limites que nelle sempre encontraram.

O necessitado nunca o procurou debalde; nunca o deixou que se não fosse satisfeito; e nem elle jamais se approximou do que carecia, que não fosse o bem vindo.

Pio, religioso e humano, manifestava a sua philantropia antes com excesso que com falta de benevolencia. Quantas vezes eu o vi lançar mão do unico dinheiro, que então tinha, e applical-o á beneficio extranho!

O seu coração era tão bom, como nobre a sua alma.

E não devo eu ser inconsolavel pela perda de tão amante e virtuoso Pae? Acaso um ente destes é possivel ser substituido? Elle alem de ser o autor de meus dias, elle alem do desvelo com que sempre me tratou, elle que eu idolatrava, e a quem nunca pagaria tantas bondades e beneficios: poderá jamais de mim ser esquecido? Deixará de ser o meu mais saudoso e primeiro pensamento, a minha mais terna recordação?

Não, não morrerá em mim, como neste mundo morreu, o desvelado Pae, e amigo verdadeiro, como por sem duvida, não terá tambem elle morrido para aquelles que o poderam apreciar; pois que soube gravar o itinerario da sua jornada neste mundo nos corações dos seus concidadãos, com indeleveis e gratas recordações.

E enquanto entregue á dor, me é força viver, pago o tributo devido á sua memoria: farei par tambem ir preenchendo os mais deveres a que estou sujeito.

Como homem, como esposo, como paç, como mestre, e mais ainda como christão com os olhos na Cruz do Redemptor, farei por ir carregando a minha por este Calvario da vida, até que o fim desta me approxime da eternidade.

C. Y. 7 de Janeiro de 1857.

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 97.)

« E D. Angela aos poucos foi deixando de me escrever, e um anno se passou sem que eu tivesse noticia de Julia.

.....
 « Imagens voluptuosas de mulheres bellas com seus encantos á vista, com seus olhares de lascivia, começavam a me queimar a imaginação que dilirava nos sonhos de uma vida sensual. A vida devassa nos folguedos de uma cidade grande onde o vicio tão brilhantemente se apparatusava, começou a me seduzir, e ás noites por vezes eu gemia de impaciencia sonhando com os gritos freneticos d'uma orgia.

« A imagem de Julia se ia gradualmente apagando na minha alma á medida que o esqueleto do vicio se lhe aproximava... Pobre ayesinha!—deixavas o teu pousio á chegada do abutre?...

« A's vezes, contudo, ainda eu chorava de saudade por ella:—Seria o grito extremo e agonisante do nosso affecto que me fazia assim chorar?... Mas eu era como um homem que sentado sobre as areias d'uma praia contempla ao longe, com o coração partido, e os olhos em pranto, a branca villa que nas amplidões dos mares arrebatou-lhe a mulher querida. Mas a villa sumiu-se no oceano, o mar tornou-se espelho, a vida e o sangue, um momento concentrados no coração, de novo se espalham... e elle ri-se da sua fraqueza: ri-se, porque o mundo está cheio de mulheres bellas, voluptuosas, delirantes de praser... Sómente ás vezes lá quando em outros labios igualmente vermelhos e humidos este homem deseára n'um beijo, então não poderá deixar de tremer, e sua alma evaporar um suspiro por aquella mulher que tanto amou...

« Querer mais — não será querer uma utopia?...

« Linceo por me entranhar nessa vida delirante dos prazeres sensuaes, eu considerei a minha prisão como unico obstaculo a gosalos.—Quantas vezes meus olhos não seguiam os passos de uma mulher que atravessava a rua, ligeira e elegante, ou voluptuosa nas formas e no andar?... Então eu sentia o sangue affluir-me ao coração e o rosto empallidecia sem eu saber bem por que.

« Um dia, pois eu fugi do collegio.

« E lancei-me cego, frenetico nessa vida desvairada n'uma cidade onde cada rua é um caminho de perdição.

« O Sr. Gonçalves foi logo instruido da minha fuga, eu mesmo lhe havia communicado. Não approvou, nem censurou este passo: disse-me sómente que eu poderia tirar mensalmente de casa do seu correspondente certa quantia de dinheiro.

« No fim de dous annos eu estava saciado... Não tinha um verdadeiro amigo... se ao menos houvesse uma mulher que me amasse com toda a força de sua alma?... Tenho vinte annos e ainda não amei... afóra esse affecto de criança que me embalou a infancia, e que talvez já se houvesse dissipado como nuvem azulada ao chegar da tempestade.

« Que importa haja dito a algumas mulheres que as amo, que tenha ronbado o amor suas roupas perfumosas para lhe fallar, se meus labios mentem, e o coração fica tranquillo e nem lhes pode responder?

« Entretanto sinto que alguma cousa me

falta... sinto arder-me no cerebro uma idéa fixa, constante, sem cuja realisação meu ser será incompleto.—O que significará ella?

« A's vezes, absolto em algum pensamento puro que me desliga deste mundo, minha imaginação se eleva ás alturas do infinito, do impossivel. Mas ella não caminha só. Vejo a fôrma pura e vaporosa de uma mulher acompanhá-la sempre. Será por ventura a imagem de Julia?

« Umaz vezes, quando de repente nuvem negra mancha o azul-claro do firmamento do meu futuro imaginario, eu via a frente desse anjo pender melancolica como flor ao vento d'inverno, e chorar—por que me via triste—Mas se o sol rompia as nuvens que lhe interceptára as vibrações dos raios, si o sopro do vento percorrendo o céu restituia-lhe a placidez, elle então sorria, e sorria por que me via alegre.

« Outras vezes, estendia-se a meus pés uma campina immensa a se confundir com o horisonte. O véo prateado d'uma noite de luar desdobrava-se sobre a campina fazendo-a parecer-se a um mar sereno. No meio desta campina eu idéava um jardim para habitá-lo com o meu anjo ideal. A's noites, recostar-me-hia n'um assento de relva, e aspirando o aroma das flores que em torno desabrochavam, sentia uma embriaguez pouco e pouco invadir-me os sentidos, e um anhelar tão ardente fazia-me delirar o coração que a alma mansamente, deixando a terra, ia subindo a uma região tão pura, balsamica qual deverá ser a do céu. Depois, neste deliquio, eu via aquella fôrma de mulher, baixar á terra n'um raio da lua ou no reflexo d'uma estrella, e pousar junto de mim. Então sorrindo com uma doçura toda celestial, collocava sua mãosinha sobre meu coração, e curvando-se sobre meus ouvidos, dizia: amor... Eu despertava, e com os braços estendidos, tremulo, delirante, procurava reter essa apparição que me fugia sempre, como a um louco que visse a amante morrer-lhe nos braços, e gastar depois a vida em abraçar eternamente uma sombra que só existia no calos de sua desorganizada rasão. Entretanto eu inda podera ouvir, que me vinha morrer no coração, como um terno gemer de saudade, aquella nota que dizia amor, e sentir o rescender de perfume como o que se deve respirar no céu.

« Sim! era uma vida deliciosa aquella vida do meu imaginar, mas quanto o acordar era triste e a decepção horrivel!...

« Son har gosar de uma ventura indizível

nos braços da mulher que adoramos, que alimentariamos, se mister fosse até com o nosso sangue, e acordar na terra com os lábios manchados pelos beijos torpes d'uma mulher corrupta!... Gosar em sonhos os encantos d'um ente que só vos pede amor, e muito amor, e acordar na terra no leito crapuloso da mulher que só vos pede dinheiro e muito dinheiro!... Oh que é horrível a transição!... E' a passagem da liberdade para a prisão, da vida para a morte, do céu para o inferno!... E' a passagem do leito perlumoso da virgem que adormecendo entre abre os lábios, qual botão de flor ao receber uma lagrima do céu, e com voz suavissima murmura um nome, somente um nome! o de seu amante, o leito polluto de mulher venal que adormecendo estremece, mas canção do goso infrene do prazer brutal, e entre suspiros cubiçosos, pronuncia o nome do libertino perdulario que, ao levantar-se ebrio de sensualidade, atirou-lhe sobre o leito um punhado de oiro!...

«Foi este o meu viver por muito tempo.

«Atravessava noites e noites n'um delirar de prazeres insanos na companhia das mulheres das ruas. Corria-lhes os lupanares onde o vicio se ostentava nú sem atavios; ou ia velar no luxo, nas grandesas, onde tantas vezes a virtude se proclama rigida, ali existe mascarada... Ouvi-lhes contar, macillentas, historias de devassidão. Às vezes choravam ao recordarem-se da infancia, de seus dias de virgindade... miseraveis que só tinham virtude quando as necessidades lhes batiam ás portas... Muitas blasphemavam contra Deus, e maldiziam suas mãis que cubiçosas, as haviam vendidas aos opulentos agiotas das praças da prostituição... Algumas riam da propria miseria e julgavam aquelle aviltamento uma fatalidade... Outras ainda choravam quando se lembravam doseu primeiro amante, desse que as lançára rindo-se nas sentinas do vicio.... Algumas riam-se do futuro medonho que as aguardava; porque, diziam, o presente é bello por que somos moças, e o futuro é triste por que somos velhas... e envelheciam na mocidade... Outras, usurarias, escondiam o oiro da infamia; porque, diziam, quando formos velhas e ricas, seremos tambem honradas e respeitadas,..

Era por certo uma vida tresloucada e infame essa que eu levava; era caminhar a passos largos para o abysmo da perdição se eu já não tacteava nas escuridões do vicio proximo ao crime...

«Mas a vida cançava, a taça dos prazeres se esgotou e eu topei com as fezes.

«Julguei-me saciado e enganei-me: queria outra sorte de prazeres, por ventura mais criminosos... Já não era uma orgia, quando os vapores dos espiritos escaldavam-me o cerebro e a razão vascilante proferia tão horriveis blasphemias... quando eu sentia os dedos da mulher perdida perderem se por entre os meus cabellos, e seus lábios secos tocarem-me no rosto macillento: não! não era isso o que ora me fazia descorar de paixão—disso já eu estava farto... O que agora me fazia descorar era quando uma virgem fitava-me os olhos, languens ou brilhantes como duas estrellas. Era quando sua voz, suave como um cantar de saudade, vibrava-me no coração, ou as noites dilirava-me os sonhos com seus suspiros... Era tambem quando eu pensava no meu jardimzinho encantado e na fada que o habitava, ou em Julia cuja imagem, chorando de amor, vinha-me recordar nosso primeiro affecto esquecido e profanado nas vivendas do vicio!...

«Tal foi d'ora em diante o meu caminhar pelo mundo. Procurava o amor d'uma virgem... queria porem, eucontral-a pura, que aquella flor se fosse abrindo pouco e pouco aos beijos de meu amor.

«Arrependido atirei sobre o passado um véo de execração; reneguei dos meus amigos das orgias, e sobre as perdidas um soberano desprezo.

(Continua.)

Recordação.

Quando eu era pequenino
Mais pequeno que o Ely,*
Ou eu brincava a cavallo
Em cima de um burity,
Ou montava sobre as costas
De um enorme jabuty.

Nesse tempo eu não sabia
A sorte que m'esperava;
Nesse tempo, o dia todo,
Só de brinquedos cuidava.
N'um presente tão feliz
Do futuro não pensava.

Correm dias, passam annos,
Foi-se tambem a ventura;
Trabalhos e soffrimentos
Trouxe em breve a sorte dura;
Só ficou-me d'outro tempo
Saudades da vida pura.

Julho de 1859.

* * F.

* Meu filho.

Secou-me o desprazer o teu sorriso,
Viçou-me as faces o fulgor dos olhos.
Hei em troca adorar-te sempre e sempre,
Na vida e morte, lá nos ceus, na terra,
Virgem minha de amor, anjo e leste.

A vingança d'um tempo.

(Continuado de p. 106)

2.º FRAGMENTO.

Então acordarei ao sol mais puro
Cheirosa a fronte ás auras da esperança!
Lavarei-me da fé nas aguas d'ouro
De Magdalena em lagrimas—e ao anjo
Talvez que Deus me dê, curvado e mudo
Nos effluvios do amor libar um beijo
Morrer nos labios delle!

ALVARES DE AZEVEDO.

« Foi d'ora em diante o meu caminhar por este mundo—procurar o amor d'uma virgem.

« Afóra essa primeira mas ephemera sensação agradável que me causou a vida levada entre mulheres venaes, o coração ficára frio, tranquillo, inda que os labios fallassem d'amor e exprimissem affectos.

« Era a vida da sensualidade brutal, o queimar dos espiritos, o grito das orgias.

« Entretanto alguma coisa me faltava: queria amar uma mulher pura, receber um affecto tambem puro: queria poder dizer: esta virgem me pertence exclusivamente. Seus suspiros, seus ais, suas saudades são meus, exclusivamente meus.

« Sentia meu ser se transformar. Outras idéas, outras ambições occupavam-me a mente.

« Tinha remorsos do passado, envergonhava-me do presente, soffria pelo futuro.

« Isolei-me. A solidão me agradava porque se casava com a minha alma que tambem estava isolada.

« Então pensei em Deus.

« Cri em Deus, na sua Omnipotencia, na sua bondade que havia desconhecido.

« Quem era a causa desta mudança? O mundo ali estava com suas festas, com seus praseres e eu detestava o mundo.

« Cri em Deus e chorei.

« Eram lagrymas de remorso e de arrependimento e ellas me consolavam.

« Mas eu estava isolado na terra e o homem não pôde viver assim.—Ou precisa d'um peito amigo, franco, leal como a propria amizade; ou precisa d'um coração de

mulher amante, puro, exclusivo como o proprio amor.—Na velhice, quando o presente é frio, isolado ou morto pelo gêlo da idade, o homem ainda tem por companheiro o seu passado: elle é o seu amigo e a sua amante.

« Tiree o amor e a amizade do coração do homem e elle perderá o seu caracter nobre.

« E entretanto eu não tinha nenhum amigo e nenhuma amante...

« Agora vou referir a passagem mais negra da minha vida, a ultima phase do vicio, mais horrivel porque se vestio com as roupas da virtude... E' a historia d'uma seducção, d'um rapto e d'um assassinato... Passarei depressa sobre este facto... ao escrevel-o sinto uma nuvem escurecer-me os olhos, e o coração parece voltar á aquelle tempo em que soffreu as torturas do inferno...

« Ainda eu continuava a residir no Rio de Janeiro. Morava então na rua de... Junto a minha casa havia uma familia obscura mas honrada...

« Sympathisaram comigo, com a minha vida reconcentrada e me receberam com intimidade.

« O chefe desta familia tinha tres filhas das quaes a mais velha contava 20 annos. Chamava-se Dulce...

« Era uma mulher perfeita. Em seu rosto moreno, regular, suave havia alguma coisa que atrahia, que prendia a attenção e fazia o coração pulsar inda mesmo contra a vontade. Era o olhar e o sorriso.

« Aquelles olhos negros, rasgados, brilhantes tinham uma força irresistivel. Em certos momentos o fulgor se lhe desmaiava e elles se amorteciam: dir-se-hia então que um véu voluptuoso os velava: dir-se-hia que era um suspiro de desejo que exhalava este coração ardente e sonhador e que vinha gemer-lhe nos olhos.

« Estes instantes eram suíficientes para patentear o caracter desta moça, porque lhe descobriam o fumo da alma.

« Com effeito, via-se que esta alma scismava continuamente, que sorria a um ideal sorrisos tão meigos, tão doces que vinham se lhe reflectir nos olhos.

« Eram, porém, poucos e rapidos esses instantes, pareciam delirios d'um goso ideal que faziam gemer aquella natureza de 20 annos e que passariam desapercibidos a não ser a expressão do olhar.

« Mas rapidas como eram assim mesmo iam tocar no fundo do coração e excitavam-lhe um desejo puro e voluptuoso a um tempo.—O perfume desta flor era virgem, os salões brilhantes e corruptores nunca haviam-n'a aspirado, nem manchado-lhe o colorido.—Crescêra occulta, a folhagem a resguardára, estava em todo o viço e expansão da belleza. Por isso o coração parava admirado; e contemplando essa creatura tão linda, tão mimosa e innocente, um desejo o animava: era ir com um beijo fazel-a estremecer, agitar-se, gemer e depois amar... porém amar exclusivamente, infiltrar a alma na della, confundir as existencias, viver d'uma só vida...

« Comtudo aquella fórma perfeita, aquelle corpo flexivel e mimoso ás vezes pendia como se uma onda de amor o fizesse curvar-se. Então a imaginação se aquecia, delirava, e um encanto irresistivel magnetico impellia os braços a se apoderarem delle, estreital-os e fazel-o suspirar uma palavra de amor.—

.....
 « Eu amei esta mulher desde que a vi, desde que advinhei os impulsos de ternura de que seria capaz seu coração ardente.

« Ella tambem me amou.

« A's noites, encostados em nossas janelas que eram proximas, nós levavamos a conversar sobre o presente, sobre o futuro. Era um presente d'amores, era um futuro de delicias!... Quanta vez a lua não se erguia nos céus, as estrellas não brilhavam no firmamento, e nós só viamos o nosso amor?!... E a lua outra vez não se escondia nos céus, e as estrellas não desmaiavam no firmamento, e nós só viamos o nosso amor?!... Quanta vez os relampagos da tempestade não allumiavam os negrumes da noite, a chuva não nos borrifava o rosto, e nós só viamos o nosso amor?!... E a tormenta passava, e os relampagos morriam sem estrondo, e a chuva apenas gotejava dos telhados, e nós viamos o nosso amor?!...

« Separados por um pequeno muro quantas vezes nossas almas não pensariam em transpor-o para se unirem?

.....
 « Dulce, lhe disse em uma noite,—o luar está tão bello, nossos corações se amam tanto—porque não deixal-os se communicarem de perto? Nossas almas casadas perante Deus gemem isolados em nossos peitos, porque não reunil-as? Vem, Dulce, desce ao jardim, será tão bello amar entre as flo-

res!... Tenho tanta coisa á te dizer!... Ha certos pensamentos, Dulce, que revelam segredos tão intimos da alma que os labios não pôdem dizel-os. As almas, bem unidas, ligadas por essa sympathia mysteriosa, tambem fallam, mas é uma linguagem que ellas sós intendem, que palavras da lingua humana não n'a pôdem traduzir porque ella é do céu. Vem, Dulce, deixemos nossas almas conversarem de perto.

« Ella desceu ao jardim, eu já lá estava. Tomei-a pela mão, conduzi-a para onde as flores mais resendiam e ajoelhei-me aos pés della.

«—Não, Henrique, me disse Dulce: ahi adiante ha um canteiro cujas flores eu mesma plantei. Vamos lá. Eram minhas flores de predilecção, eram meus unicos cuidados antes de te haver conhecido, que ellas sejam agora testemunhas do nosso amor.

« Levantei-me e segui-a. Junto ao canteiro havia um assento de relva. Dulce sentou-se nelle. Eu de novo me ajoelhei aos pés della. D'um lado estava o canteiro e d'outro uma parede formada de jasmim de Italia. A brisa diffundia no ar o perfume das violetas e das rosas. Os ramos pendentes se agitavam mansamente deixando os raios da lua se irem reflectir nos olhos de Dulce.

« Nós não podiamos fallar. Nossas mãos tremiam, se aqueciam, esfriavam, depois ardiavam uma dentro da outra. Nossos olhos fixos contemplavam nossas almas. Nossas almas estremeciam, aproximavam-se, recuavam, depois se aproximavam de novo. Finalmente tocaram-se e se fundiram n'um beijo.

.....
 « Um mez depois desta noite eu dizia ao pai de Dulce:—Amo vossa filha, ella tambem me ama: dai-m'a para minha esposa. Amanhã, me respondeu, tercis a minha resposta.

« No dia seguinte fui saber della.

«—Não vol-a dou, Snr. Henrique, me disse laconicamente e voltando-me as costas.

« Fiquei perplexo, que havia fazer? Nada lhe repliquei. Comtudo a minha resolução já estava tomada. Cumprimentei-o e sahi.

« Nessa mesma noite Dulce fugia comigo para nunca mais voltar á casa paterna.

« Saimos da cidade. Dous cavallos nos espereavam, caminhamos sem saber para onde.

« Fosse receio imaginario, ou fosse realidade, pareceu-nos ouvir longe, para traz de nós o tropeçar d'um cavallo.

(Continua.)

ACADEMIA.

A Jurisprudencia que é a primeira necessidade das sociedades civis que se fundão, conta em seu recinto com representantes d'aspirações ardentes, porém generosas. A' corporação magestosa desses reservados ministros da humanidade, um, hoje, se unio digno della por seus talentos e dedicação.

Queremos fallar do Illm. Sr. Dr. Clemente Falcão de Souza filho, que acaba de tomar posse, como Lente substituto e de ser logo encarregado da Cadeira do 4.º anno de Direito Civil.

O academico que tanto se distinguio, é digno da categoria á que foi elevado. Elle resume o triumvirato do saber, da honestidade, e da sympathia geral; e será um digno continuador de seu Pae no Magisterio.

Junho, 27.

MOSAICO.

Uma das mais alentadas arvores de que ha memoria, era um castanheiro que existe na Sicilia haverá quarenta annos, e que talvez ainda lá exista. Muitos viajantes fallam della entre os quaes se conta o inglez Brydone, que o vio no meado do seculo passado. Na apparencia parecia ser cinco arvores distinctas.— Diz-se que o espaço entre ellas era antigamente todo macisso de madeira, constituindo assim uma só árvore. Brydone, que o refere, assegura que ao principio não podia conceber como isto fosse possível; porque as cinco arvores abrangiam um espaço de duzentos e quarenta pés de circumferencia. Convenceu-se enfim, não só pelo testemunho dos habitantes das visinhanças e pelo exame de um naturalista muito entendido, mas tambem pela observação que fez nas mesmas arvores, nenhuma das quaes tinha casca pelas faces interiores, o que bem mostrava serem troncos separados da mesma planta. Este castanheiro era tão affamado, que, segundo narra o mesmo Brydone, estava marcado num

antigo mappa da Sicilia publicado haveria cem annos.

Deu-se ultimamente em S. Petersburgo com o general que aprisionou Sohamyl e acabou a guerra do Caucaso, um facto ainda mais notavel do que o que se deu com o marechal Paskwitch, quando venceu a ultima revolução da Hungria.

O general foi esperado fóra da capital pelo czar, e entrou em S. Peterburgo na carruagem do imperador, e ao lado deste.

Chegando ao campo onde se achava a tropa em parada, o general postou-se no logar da continencia, e o imperador á frente de toda a tropa passou por diante d'elle, abaixando-lhe a espada, e o mesmo fizeram os granduques, que iam á testa de seus regimentos.

O general que recebeu honras militares tão extraordinarias não tem ainda cincoenta annos.

Um homem sem dinheiro é um enigma sem explicação, uma velha namorada, um almanak do anno passado.

*

A gloria é o omnibus da posteridade.

*

As boas idéas são como os botões de camisa, faltam-nos algumas vezes.

*

A sciencia é o bico de gaz da humanidade.

*

Si eu tivesse filhos, só uma cousa desceria: ser seu pae.

*

O pudor e a castidade são as cortinas da alma.

*

Quando vejo um bombeiro conversando com uma moça penso logo em incendio.

*

O coração é a alcova do sentimento.

*

Nutrir-se de illusões é pôr o espirito em diéta.

Commerson.

sação. Acredite, é o que falta. O povo da roça ainda não se compenetrou de que é nelles que reside a vitalidade da nação; que a cidade pode dar-lhe os *circences*, mas em troca do *pane* que elle levar-lhe ao mercado.

Mas, voltando ao ponto capital d'esta epistola, até o proximo correio. Para V. não pensar que o *furor scribendi* (especie de *frenezi* ainda não descripto nos *Vade-mecums* pathologicos) chegue á algum *post-scriptum*, sereno-lhe os temores com este abençoado ponto final.

Todo seu
Luiz.

A minha velhice.

Da calma e da apathia se aproxima
A gélida estação! Eis bate á porta
Da prudencia, e do tédio a triste idade.
O sulco dos pezares vivas sombras
Já na fronte desenham: de meus olhos
Os lumes quasi extinctos
Os umbraes da velhice estou transpondo;
Por toda a parte sóa-me o rebate
Dos estragos do tempo; vae se alluindo
De subito em mim tudo;
— Excepto o coração.

O' bello sexo, quando eu fôr expulso
A' manhã do combate, e nas fileiras
Ai! dos invalidos cedendo o posto
A' geração que agora principia
Sem expressão teus olhos me lançares,
E dos encantos teus me achar privado;
Quando me fallecer d'amor na fragoa
Emoção grata á responder as minhas,
E teu meigo sorriso buscar outros,
Os meus porém mais nunca;
Quando da mocidade o prazer louco,
De novos vencedores a embriaguez
Insultar-me a miseria despiadosa,
O que me restará para abrandar-me
Este peso da vida?

Por um sorrir apenas devotar-me
E ser escarnecido!
Volver-me ao arido passado, e nada
Avistar que prazeres rememorem;
Lembrar que o leve murmurar das ondas,
A solidão, perfumes, harmonias,
A natureza em tudo augura amores,
E que mentiras foram suas promessas!...
Ai! para sempre o coração quebrado,
Cobrir-se-ha de luto!

Outros porém demandam novos nortes;
Inda ficar-lhes-hão as alegrias
Do lar domestico, da gloria os louros,
Emoções do Poder, o poder do ouro.
Oh! para mim toda a esperança é frivola!

Ai! Morrer é a suprema f'licidade.
Morrer quando semearam desventuras

Sob nossos passos, e vagueamos tímidos
Qual lastimosa sombra de finado
No tumulto da vida!
Morrer quando nos chega a seva idade
Do tédio e eterno adeus
As illusões fagueiras!

D. M.

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 115.)

«Já tínhamos andado mais de tres legoas. Paramos para descansar debaixo d'uma arvore, um pouco distante da estrada. Prendi os cavallos em um tronco temendo saltal-os. «Eram quasi tres horas da madrugada. Dulce extenuada adormeceu em meus braços. Fiquei só.

«Então pensei no que havia feito, porque o que eu praticára fôra quasi sem pensar.

«Critica era a minha posição. Se não fôra o amor de Dulce, a paixão cega que me prendia a ella, eu houvera desanimado. Esqueci, porem, o que eu fizera para somente pensar em o nosso amor. Eu amava-a agora mais do que nunca, porque completo era o seu sacrificio. Contemplei-a adormecida, orgulhei-me da minha felicidade. Beijei-lhe os cabellos soltos, bebi-lhe avidamente o seu respirar puro. Aquella dedicação cega; aquelle impulso do coração que a levára a seguir a um desconhecido porque o amava; as recordações das nossas noites de dilirio—tudo isso me embriagava! Houve momentos em que eu tive vontade de acordal-a para dizer-lhe bem do fundo d'alma: Dulce—eu te amo muito!..

«Mas detive-me. Occasiões ha em que o homem carece de reconcentrar-se, de medir a extensão da idéa que o domina. Esta idéa, quanto a mim, era a paixão que eu sentia: queria-a immensa para dá-la toda a Dulce.

«Mas, derepente, senti um suor frio percorrer-me o corpo, uma nuvem passou-me pelos olhos, depois, o corpo cansado, enfraquecido pela falta de alimentos e pelos combates do espirito cedeu, e eu adormeci beijando os cabellos de Dulce.

«Quando me acordei Dulce ainda dormia. O crepusculo da manhã já se desenhava no céo. Cumpria, pois, continuarmos a nossa viagem.

«Ao levantar-me—qual não foi o meu espanto encontrando ao pé de mim uma carta e um pequeno embrulho de papel?..

«Não tive outra idéa senão atirar-me á carta para lê-la. Estava aberta e escripta com lapis; as lettras eram tremidas, mão segura não era decerto a que traçára. Devorei-a n'um instante. O que me produziu a sua leitura fora difficil dizel-o, era um mysterio. Eis aqui o seu conteúdo:

«Um homem, Snr. Henrique, que vos segue como a vossa propria sombra é quem vos escreve, certo que haveis de seguir o seu conselho. Da vossa existencia depende tambem a minha existencia; ainda mais: ha no meu coração uma fibra deradeira que ainda o alenta, e essa está presa á vossa vida. Não sabeis quem eu sou, comtudo tempo virá em que me haveis de conhecer. Não sou um impostor. A vossa sorte estava entre as minhas mãos: podia perder-vos ou salvar-vos perder-vos indo vos denunciar á policia como raptor de donzellas: salvar-vos calando-me e vindo em vosso auxilio. Preferi salvar-vos, porque, sou franco, tambem me salvava a mim.

«Cumpre, portanto, obdecer ao que vos vou dizer: Não continuareis a vossa viagem: primeiramente porque sem dinheiro ninguem viaja, o amor alimenta o coração, porem não alimenta o corpo; em segundo lugar porque quem rapta uma moça precisa occultal-a e vós não sabeis para onde dirigir os passos. Voltareis, pois, para a cidade. Durante o dia, visto que elle vos é perigoso, esconder-vos-heis nessa casa que vos está proxima. E' a moradia de um mendigo que vive ás esmollas dos viandantes. Acha-la-heis deshabitada, porem, comtudo quanto haveis myster. A' noite, nas approximações da cidade, um vulto vos sahirá ao encontro dizendo: Sigan-me —E' um marinheiro. Elle vos conduzirá á bordo d'uma embarcação que parte para Pernambuco... Boa viagem e bons amores...

«Junto encontrareis uma quantia de dinheiro. Esta, e as que posteriormente vos forem entregues podeis-las aceitar sem repugnancia porque sua origem é honrada.

«Em Pernambuco, como em qualquer outra parte eu vos seguirei como a vossa propria sombra.»

«Acceitei o conselho,—que havia eu de fazer?—Quando atirado por um naufragio em meio das ondas encrespadas vos offerecem um braço para salvar-vos, porventura perguntaes a quem elle pertence? A' vista da-

quellas cavas profundas das ondas que simelliam outras tantas sepulturas abertas, vasia a espera d'um cadaver —acaso perguntaes quem é que vos suspende sobre ellas, quem vos lança na praia salvadora? Não: só procuraes a salvação... eu tambem queria salvar o meu amor.—

«Acceitei o conselho; e á noite voltamos para a cidade. A carta não era uma impostura: o marinheiro nos conduziu a bordo de um navio, e o capitão nos recebeu cortezmente.

«No dia seguinte o navio largou vellas. Eu e Dulce dissemos um adeos a essa cidade que nos relembra tantas horas de felicidade, e tambem muitas lagrimas de dôr...

«No mar sente-se mais amor de que em terra. Parece que a morte passando e repassando mais frequentemente por diante dos olhos faz com que a alma se ligue mais intimamente ao ente amado. Em terra vosso amor será extremoso, porém no mar elle não terá limites. Parece que a immensidade do Oceano, e cujas orlas tocando na immensidade do espaço, faz o coração crescer e sentir mais fortemente.

«A nossa viagem foi bella... mas tambem foi o ultimo crepusculo da nossa felicidade!.. Haviamos esquecido que um brado de vingança pesava sobre mim e outro de maldicção sobre Dulce!... Quem me escrevera aquella carta não era decerto um homem que me queria salvar... queria antes me levar ao inferno atirando flores sobre o caminho da vida!...

«Serei breve agora. O criminoso pode descrever a sangue os passos que o levou a perdição, porque cada passo é um crime e cada crime gloria para o seu nome... Elle pôde atravessar rindo-se, as torturas do inferno, porque sua alma nunca sentio um remorso... Rival de satan, elle pode collocar-se ante seu throno e narrar-lhe com soberba, a sua historia de crimes...

«Eu não—que me arrependi de haver usurpado um direito do Creador...

«Seis mezes somente!... Quem pensaria que em tão curto espaço uma paixão immensa se esgotasse, se extinguisse para dar lugar ao vicio?... Mas silencio coração!.. Della só te resta... a recordação d'um crime!...

O choque foi tamanho que o amor seccou-se pela raiz e morreo!...

«Uma noite sahi de casa para hir ao theatro. Dulce não quizera me acompanhar, preferira ficar para ler um romance. Beijei-a na frente e sahi.

«Ao entrar na cidade, pois que moravamos nos arrebalde, enxerguei em certa distancia, um vulto que passeava embuçado. Não sei porque me lembrei do individuo que me soccorrera quando raptei Dulce; não sei porque senti o coração oppresso... Não era medo, eu estava armado de um punhal; era um sentir sem nome, confuso, mas que me esfriou o sangue nas veias...

«Comtudo continuei. O lugar era tão escuro que tornava impossivel reconhecer-se um homem. Quando fronteava, o passeante embuçado avançou para mim e disse: Volta para casa a esta hora a tua amante te atraiçoa.

«Subi a escada como um raio. Uma porta se abriu e Dulce appareceu pallida como um cadaver.

«—Infame!.. rugi eu, tu me atraiçoaste!..

«Um homem aproveitou este momento para se evadir. Atirou-se pela porta que ficára aberta e desapareceu. Dulce déra um grito d'espanto ao ver aquelle homem sahir. Este homem estava mascarado.

«—Infame!.. tu me atraiçoaste!..

«Agarrei-a pelos cabellos e conduzi-a ao interior da casa.

«—Infame!.. rugi pela terceira vez, ter me atraiçoado!..

«Enterrei o punhal.

«—Não me mates, Henrique...

«O vicio é muito covarde... Enterrei-lhe o punhal no peito...

(Continua.)

A virgem de ferro.

Polybio refere que Nabis, tyranno de Sparta, morto no anno 192 antes de Jesus Christo, mandára construir uma especie de machina, da lórma de uma estatua de mulher, ricamente vestida, á qual se procurára dar alguma similhaça com sua esposa a rainha Apega. Nabis convidava á sua casa ricos cidadãos e pedia-lhes grossas sommas de dinheiro para acudir ás despezas da religião e outras. Si

estes lhe respondiam negativamente, dizia-lhes então: «Vejo que não tenho assaz de eloquencia para vos persuadir: espero, porém, que minha esposa seja mais feliz do que eu.» Depois, a um signal seu, via-se apparecer a estatua sentada. O tyranno offerencia-lhe a mão; ella erguia-se, e travando do hospede renitente, cingia-o com os braços contra o peito. Ora debaixo dos vestidos estavam escondidos agudissimos ferros: por consequencia o infeliz, ou promettia immediatamente entregar o que lhe pedissem, ou em breve perecia victima do horrivel abraço.

Um sabio inglez, o Snr. Pearsall de Wilsbridge, persuadido de que a pratica desta invenção do feroz grego não escaparia á imaginação cruel da Idade-Media, guiado por vagas informações e esclarecimentos, dedicou-se a procurar a moderna Apega.

Primeiro designaram-lhe o castello de Ræningstein, cêrca de Frankfort, como o lugar em que deveria achar um destes singulares monumentos de supplicio, depois uma torre na muralha de Moguncia e finalmente varias outras fortalezas no Rheno. Visitou tudo com o mais escrupuloso cuidado e nada encontrou.

O laborioso investigador consultou então os homens instruidos e alguns juriconsultos: uns e outros riram-se da sua credulidade e lhe pediram que se não mettesse seriamente em investigar cousas que não passavam de ser historias da *carochinha*.

Meio convencido e desanimado, o Snr. Pearsall deparou por acaso em um livro, publicado em Nuremberg, no anno de 1792, com uma noticia muito explicita e muito circumstanciada da existencia de uma machina similhante a do monarcha spartano, construida em 1533 e que o auctor affirmava existir naquella cidade.

Correu a Nuremberg e de feito não só ali encontrou vestigios da *virgem de ferro*, mas tambem lhe declararam que esta machina, com outras que existiam no seu arsenal, tinham sido conduzidas n'um carro, por occasião da invasão dos francezes, ignorando se, porém, onde paravam.

Finalmente, apoz muitas deligencias infructuosas, o incançavel inglez foi deparar no castello do barão de Diedrich com a *virgem de ferro*, que havia tanto tempo procurava.

A lórma exterior da estatua é a de uma burgueza de Nuremberg no seculo 16.º, e compõe-se de barras e circulos de ferro cobertos de folha de ferro pintada. Abre-se a machina pela frente, por meio de dous pos-

A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 122)

• Voltei para o Rio de Janeiro. Eu sabia que o pai de Dulce era pobre e que pobres seriam as indagações da justiça para desaggraval-o...

• Quiz esquecer que vivia... Entranhei-me, como um louco, nos jogos,—nas devassidões de toda casta... Nada!... Aquella scena de sangue, aquella idéa de morte queimava-me o cerebro, enchia-me os sonhos de phantasmas lugubres... Ria-me de insania... chorava de saudade... Era horrivel a vida que eu levava!...

• Um dia, a imaginação exaltada dictou um epitaphio á memoria da assassinada. Ei-lo:

I.

Já tive sonhos doirados,
Meus sonhos foram sonhados
Pela virgem que eu amei:
Era um sentir ebrioso,
Foi um amor criminoso
Aquelle affecto que lhe dei.

Amei-a ouvindo-a fallar
Quando brilhava o luar
Lá na mansão do Senhor:
Ajoelhado diante d'ella
Jurei ser a mais bella—
—A perfeição do Creador.

Sentia todo meu ser
Desvairar-se, enlanguecer,
Voar a outra região:
Quando sua voz cantava
Harmonias que eu cuidava
Só existir no coração.

Quizéra na voz cadente,
Naquelle magico ambiente
Beber-lhe um longo beijo!
Quizéra que ella me amasse
Que comigo partilhasse
A ardencia do meu desejo!..

Qual flor as gotas do céu,
Quizéra que o peito seu
S'expandisse ao meu amor;
Vertera-lhe puros cantos
Como a aurora verte prantos
No seio da linda flor!..

Perante noite estrellada,
Silenciosa e perfumada
Beijei aquella innocencia...
Amou-me a virgem mimosa
Embevecida e mais formosa
Sagrou-me a sua existencia.

E nas noites de luar
Quando a ouvia descantar
Unira ao peito meu!..
Inibriado d'aquelle amor;
Do perfume d'aquelle flor
Me desmaiava no joelho seu.

.....

Mas a virgem perjurou...
E o que é amor de mulher?...
Encanto que passa sorrindo
Embriaga e faz morrer...

.....

II.

Silencio!... Não mais meus cantos
Se voltem para o passado...
Afoguemos nas ondas do vinho
Aquelle sentir malfadado!...

Só quero o amor das perdidas,
Dormir-lhes no leito venal
Quando o cerebro se escandece
N'uma louca saturnal!...

Quando exausto a luz me foge,
E das trevas o cortejo passa
Quero saudar-lhes a vinda
N'um ambiente de fumaça.

Quero rir-me das donzellas
Que, a noite, em segredo choram...
Castos anjinhos dos céus...
Por prazeres se devoram...

Quem ama—quer o prazer,
Quem ama—quer alegria:
Amor só existe no goso
Sem o goso é uma utopia!..

E' bello ao clarão da orgia
Nos joelhos pousar a bella,
Soltar-lhe os longos cabellos,
Das formas sonhar-lhe a pureza...

E apoz tantas loucuras
Inda bella e palpitando
Ardermos no fogo do vinho
E dormir e amar sonhando...

E acordar e viver nos vícios
E da humana virtude descrêr...
Enigma insolúvel que o homem
Embalde procura solver...

A orgia—eis o meu culto,
A taça—eis meu altar,
O vinho—eis o meu Deus,
A mulher—eis meu orar...

III.

E com tudo um pensamento,
Do passado um sentimento
Na orgia me faz parar...
E' uma voz de mulher
Qu'embalde tento esquecer
Dos vícios no desvairar!...

Ante mim s'abre a tumba,
E dentro uma voz retumba
De cadaver ensanguentado!...
Arrepia-se-me o cabello
Em balde quero esquecer-o
Aquelle corpo interessado!...

E' o da mulher qu'eu amei,
Que insano eu apunhalei
Quando de mim zombava!...
Inda soam-me nos ouvidos
Seus ais tão doloridos
Quando a vida lhe escapava!

Ei-la alli toda sanguenta,
Ei-la alli que se lamenta
Que se estorce na agonia!...
E' aquella a sua visão
Que s'levanta e com a mão
Me aponta sua campa fria!...

IV.

Bebamos!... E' um sonho esta visão!...
Quero rir-me da sua agonia,
Cantar-lhe sobre a campa de morte
Um canto de louca alegria!...

Quero atirar-lhe sobre a lousa
Flores da orgia—murchas flores!...
Ao tenir das taças quebradas
Quero lembrar-lhe nossos amôres!...

Nem quero que o somno da morte
Tranquilla possa gosar;
Ouvirá das perdidas o rizo
Nossos beijos—nosso folgar!...

Exhaustos dormiremos na terra
Que cobre o cadaver seu...
Zombaste de mim na vida
Da tua morte zombarei eu!...

Silencio!... Não mais meus cantos
Se voltem para o passado!...
Afoguemos nas ondas do vinho
Aquelle sentir malfadado!...

Depois parti para S. Paulo.
Ao aproximar-me da chacara do Sr.
Gonçalves, vendo estes lugares tão meus
conhecidos, o coração foi-se-me apertando
no peito a medida que o meu passado da
infancia ia surgindo com todos os seus en-
cantos, risos e innocencias.

E então pude comparal-o ao meu pas-
sado de loucuras: que differença! O cora-
ção se me apertava cada vez mais no peito.

Quando entrei, e vi aquellas pessoas que
me tinham sido tão charas senti que ainda
o eram... e as lagrymas correram a vontade!..

O Sr. Gonçalves extranhou a minha vin-
da, vi-o mesmo estremeecer descorando
quando me avistou; D. Angela abraçou-me
com acanhamento; e Julia... Julia me disse:
Senhor Henrique... Eu era, pois, uma pes-
soa quasi desconhecida para elles, uma pes-
soa que se senteria perder mas que se não
quer tornar a ver!...

No dia seguinte o Sr. Gonçalves foi a
cidade; e quando voltou me disse—que eu
poderia hoje mesmo mudar-me para uma
casa que lhe pertencia, sita na rua de...
Entendi o convite, e nesse mesmo dia fui
tomar conta da minha habitação.

O que ia pelo meu coração só eu o
sabia...

Eis ahi o que, em resumo, se continha
no seu diario. O mais já os leitores sabem.

Agora os factos se passam no presente,
e nós vamos indagal-os para lhos narrar.
(Continúa.)

A caçada de insectos

POR F. COOPER.

CARTA I.

A' S. Ex.^a o capitão-general e governador
da Nova-Galles do Sul.

Port-Jackson, 21 de Junho de 1848.

Vossa Excellencia acaba de nomear meu
amigo Broughthon, para fazer parte, na qua-

A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 133)

IV.

Au moment d'entrer dans la région du mal l'ame se sent penetrée de terreur; elle hesite en presence de sa faiblesse.

OZANAM, DANTE.

Qual será o coração que, cheio de vida e de mocidade, não pulse de entusiasmo e de amor ao entrar n'uma sala brilhante e perfumada d'um baile?... Quando ao som de suave e alegre musica passam e se encontram diante de nossos olhos figuras flexiveis de mulheres encantadoras: quem se não sentirá arrebatado, indeciso, fascinado se não será o brinco d'um encantamento, a illusão d'um sonho, ou se realmente vê, falla, ouve a voz d'uma dessas mulheres palpitantes de prazer, em cuja fronte só ressumbram alegria e felicidade, em cujos seios agitados pela dança, em cujo corpo fatigado percorre um tremor que se vai terminar em suspiro?... Quem será insensivel ao contemplar essas moças, graciosos reflexos dos anjos, innocentes como elles, brincarem por entre demonios?...

Por outro lado quem se não admirará ao ver certas moças, virgens no corpo, mas cuja alma já estragada pelas adulações dos salões, tornarem-se rainhas das sociedades que frequentam, ás mais das vezes pela habilidade com que jogam sua arma favorita — o namoro?...

Quando pretendem jungir ao seu carro de triumphos um manzebo modesto, cuja pouca frequencia ou habitos banaes da sociedade, que chamam — *do bom gosto*, — faz ter horror, e mesmo não podem crer em como uma jovem que deve ser toda eudura, ingenuidade e modestia, parece, pelo contrario, estar plenamente iniciada em todos os mysterios da intriga: como é curioso e divertido vel-as então affectarem maneiras singelas, cubrirem-se com o véu da innocencia, e debaixo deste véu estenderem-lhe seus laços, e depois prenderem-no inspirando-lhes um affecto que não sentem? E depois, quando este moço, reconhecendo que fóra ludibriado, vê-as responderem aos galanteios simultaneos que lhes fazem o que lhe respondem ellas?... Uma risada de escarneo, e o epitheto de pedante...

Mas que mal ha nisso?... Tudo é divertimento, passa-tempo, porque é isso que

constitue assumpto d'uma conversação espiritiosa, fórma os habitos da sociedade do *bom tom*, e faz com que sua companhia seja tão agradável... Folheae desde a primeira até a ultima pagina o livro da vida destas moças e vereis que a unica idéa fixa, constante e bem desenvolvida é: saber conduzir com habilidade uma intriga amorosa, dominar despoticamente o coração dos homens, e zombar delles por haverem considerado tão ao serio uma coisa tão banal como é o amor...

Mas que mal ha nisso?... N'um baile o amor, sendo quasi sempre o thema favorito das conversações, deve despir-se do seu character profundo e sagrado... porque do contrario tornar-se-hia coisa muito grave, e n'um baile o que é grave é fastidioso, monotono, insipido... Trate-se do amor, da amisade, em fim de todos os sentimentos com leviandade; dêem-se-lhe um character folgazão, superficial porque tudo acaba ali...

Mas que mal ha nisso?... Tudo é divertimento, são os encantos d'um baile...

Entretanto, n'esta noite, no meio da alegria de que todos estavam possuidos, havia tambem dôr, e dôr profunda, reconcentrada, que mais se augmentava com o ecoar da musica e com o sussurrar de vozes alegres manifestando claramente os sentimentos que animavam esta reunião.

Insensivel a taes manifestações de jubilo, e retirado e quasi occulto por uma janella estava um moço pallido, abatido, com os olhos fixos sobre um ponto, como se esse ponto significasse alguma coisa de extraordinario na sua vida. Era expressivo este olhar constante animado de fulgor febril. A's vezes parecia reflectir verdadeira alegria a não ser a expressão rancorosa ou ironica que de repente se lhe espelhava pelo semblante, e um movimento convulsivo por todo o corpo.

Outras vezes ficava suspenso, immovel, sem respiração: parecia equilibrar-se entre a vida e a morte. Então seus olhos mais fixos, mais expressivos, mais febris pareciam reter-lhe a vida prestes a voar sobre aquelle ponto.

Quem era este moço? O que era este ponto que tão poderosamente lhe prendia a attenção?

Com passos vacillantes, com o olhar desvairado viram-n'ó entrar e percorrer as salas brilhantes e perfumadas do baile.

Parecia um corpo dominado por vontade

cruel e caprichosa que fatalmente o impellia a um fim sinistro.

Era um accento triste, melancolico, e dorido da desgraça que respondia ao canto alegre, risonho, e sonoro da felicidade.

Era uma gargalhada de triumpho e de escarneo do espirito do mal no meio das festas brilhantes, risonhas dos filhos do espirito do bem.

Era uma imagem viva das miserias humanas esse contraste entre o prazer e a dor...

Mas quem era este moco? Infeliz o que procurava elle entre os felizes?

E percorrera mudo, insensivel as salas que se enchiam de brilhante companhia, como se houvesse medo que a voz, distrahindo-lhe a attenção, fizesse fugir ou perder-se o objecto que buscava.

Os poucos que lhe conheciam a dor, lastimaram-n'o vendo-o assim soffrer; outros, porém, a quem elle era desconhecido, cobriam-no de ridiculo denominando-o de louco ou de incivil.

Mas elle sempre mudo e insensivel ia por diante procurando... talvez uma alma que lhe fosse irmã na dor como o seria na alegria, si por ventura inda uma esperanza lhe sorrisse na vida.

Este moço era Henrique.

Depois de haver percorrido as salas sem encontrar quem com tanto affan buscava, de repente Henrique parára e se retirára para o vão d'uma janella a fim de occultar a emoção que agitava. Nunca sentistes uma esperanza moribunda debater-se em vossa alma? Nunca fostes impellido por uma desillusão ás raias que separam a vida da virtude da vida do crime? Nunca hesitastes sobre o ponto extremo aonde se foram reconcentrar todas as vossas aspirações e desejos, e ahi nunca vistes morrer uma a uma todas as vossas esperanças? Nunca experimentastes a lucta da paixão e do dever? Nunca vos achastes no marasmo produzido pelo choque de sentimentos encontrados e hostis? Nunca vos sentistes dominado por uma vontade insaciavel, satanica que vos impelle a ter mão de um fim sem darvos tempo de escolher os meios?

Por todas estas phases passou Henrique ao ver entrar no baile um velho trazendo comsigo uma bella moça.

O velho, o Snr. Gonçalves, teria de quarenta e cinco a cinquenta annos de idade, porém os cabellos completamente brancos e as rugas que se-lhe desenhavam no rosto, persuadiam, ou que desgostos lhe apressára a velhi-

ce, ou que a sua idade era mais avançada. Pelas maneiras arrogantes, pelo olhar insolente e desprezador deste homem, e pelos aduladores cumprimentos com que fôra recebido via-se claramente que pertencia á *alta aristocracia do dinheiro*... Mas quem lhe estudasse com attenção o rosto pallido e rugoso, o olhar ás vezes incerto, outras espantado; quem notasse a distração que ás vezes o fazia interromper a conversação e pensar profundamente, quem, em fim, reparasse que havia alguma coisa de inquieto e agitado neste homem que poucas vezes ria—concluniria que no passado deste individuo havia uma historia, quiçá de crimes, que lhe vinha por vezes anuviar o presente.

Quanto á jovem, que dissemos, entrára com elle, era sua filha unica. Era Julia.

A fortuna immensa de seu pai, sua educação fina, maneiras agradaveis, e sua belleza rara, lhe haviam proporcionado um logar distincto e invejado, e que ella sabia perfectamente fazel-o respeitar pelo seu procedimento digno de louvor.

Quando esta flor brillou pela primeira vez fôra desde logo incensada por essa turba de mancebos vaidosos e avidos de queimarem incensos á flor das sociedades... principalmente quando essa flor nasce e fulgara alimentada pelo aroma d'uma grande riqueza...

Julia, porém, tendo diariamente diante dos olhos exemplos de moças, cuja grande parte da vida consistia em esvoaçarem nos bailes como um bando de borboletas n'um jardim, e por fim, em vez de felicidade que buscavam, só achavam a estigmatização de sua honra, Julia, dizemos, soubêra conter, sem prejuizo de seus princípios de educação, em distancia respeitosa, esse circulo de adoradores tão dedicados que não hesitariam a lançar-lhe o nome infamemente calumniado em meio de suas reuniões detractoras.

Uma outra razão e mais poderosa dictava-lhe este proceder. E' que no seu coração ainda estava gravado o nome daquelle que ella amára na infancia. Em seus sonhos, em seus pensamentos sempre a imagem daquelle menino moreno a acompanhava.

Si em creança esse affecto fôra vivo o que seria quando sua alma começára a se expandir ao amor, e quando tal amor já se não limitava a um ideal? quando ella reconhecera a necessidade de amar, de verter em outro peito que não o de seus pais todas as emoções que sentia, de lançar nelle, que os acolhesse com sofreguidão, todos os risos de alegria, todas as suas lagrymas de dor?...

Mas qual fôra o destino desse menino?

Seus pais disseram-lhe a principio que estava estudando, depois callaram-se e ella nada mais soube.

Comtudo seu coração de amante havia advinhado que seus juramentos tinham sido esquecidos, juramentos sellados pelo pranto da innocencia, puros como as preces que á noitinha elles dirigiam a Deus!...

Então, no silencio, quando sua alma devaneava, quando seu coração se aquecia ao calor d'um amor que despontava, não flor viçosa em fertil terra, antes como flor pallida na aridez d'um serro,—então, dizemos, uma lagryma molhava-lhe as faces e coração partido... uao maldizia do esquecido!...

E' que o amor assim alimentado não morre senão quando as fibras do coração se hão estalado uma a uma e a alma voa para ainda amar no céo!... não morre senão quando a intelligencia soffre um choque tamanho que a desorganison e aquella idéa de amor se vai sepultar na loucura; ou quando o espirito lucta nas garras da duvida e o amor que só vive de crença vai aos poucos morrendo e em seu logar apparece a sensualidade...

Julia não duvidava que amava: sabia o porque sua existencia estava resumida nessa palavra: sabia o porque seu coração lhe estava constantemente fallando deste amor.

Era para Julia que Henrique olhava com aquelle olhar d'insania; era ella a causa desse revolver de paixões hostis que tambem era expresso pelas mudanças de seu rosto.

Era Julia e seu pai cuja presença lhe excitavam estes dois sentimentos tão oppostos: o prazer, isto é, o amor, e a dor, isto é, o odio.

Ella a virgem meiga, que com o seu sorrir tão doce, com sua voz tão suave, lhe promettera um porvir, e lhe explicava em lingoagem repassada de verdadeiro amor os quadros deliciosos de uma vida decorrida ao seu lado.

Elle, seu pai, era o vulto feio da tempestade que viêra se interpor entre elle e o seu futuro, era a voz da realidade fria, impassivel que o dispertava quando dormia, no céo, que lhe dissipava todas as esperanças, todos os sonhos.

Ella a imagem do mundo, aonde só, o homem se pôde considerar feliz—a imaginação.

Ella, a imagem do mundo onde embalde o homem procura, cança e desanima por gozar um instante de felicidade, a realidade.

(Continua).

*Para o album do meu distincto amigo
o Dr. Timotheo P. da Rosa.*

Devaneamento.

Pelos prados, pelos valles
Em que Flora mais brilhava,
Houve tempo em que eu andava
Por fugir do mundo aos males.

Ia aqui, ali colhendo
Já uma, já outra flor,
Cujo aroma, cuja côr
Meu apreço fosse tendo.

Quando muitas apanhei,
Julguei-me então venturoso
Antevendo-me no gozo
Da capella, que enastrei.

Mas a sorte me privou
De gozar delicia alguma;
Só ficou das flores, uma
Que co'as outras não marchou.

Foste tu, rouxa saudade,
Da tristeza, oh flor, emblema,
Que resolveste o problema
Da minha louca vaidade.

Julho de 1859.

F.

MOSAICO.

O chocolate faz as delicias do hespanhol: o café acalma os vapores que o vinho faz subir á cabeça do allemão: o chá serve de recreio ao inglez: a limonada é o refresco do italiano: a cerveja regosija o succo: a aguardente extasia o polaco: o hidromel é o nectar do moscovita e o ópio o deleite do chinez.

* * *

Estando o conde de Sortelha por embaixador em Castella, lhe perguntou o imperador Carlos V. querendo motejar de pequeno a Portugal:

—Si se levantar uma lebre em Portugal, onde a ides matar?

—A' India, senhor, que é d'alí cinco mil leguas.

* * *

Uma donzella, a quem seu tio quiz fazer lida na Histeria, devolveu-lhe os livros, dizendo-lhe: « Meu tio, não vale a pena o trabalho de lèr, pois o que se tem visto em todos os tempos é—illustres doudos e atrevidos velhaeos, zombarem de uma grande quantidade de tolos.»

rinheiros carne e rum, regalou-se a Teimoti, Kahumanu e sua comitiva com grog e outros refrescoes.

A boa da rainha ainda não está consolada da perda de Menzies. Para honrar a memoria d'este caro amigo, ella enterrou em seu corpo um dente de tubarão, e a ferida ainda não está completamente cicatrizada. Davis, o guarda fiel da Haimatocara, pronunciou uma tocante oração funebre, na qual, depois de ter esboçado rapidamente a historia de celeberrimo pioho, estendeu-se sobre as fragilidades das coisas humanas. Os marinheiros os mais endurecidos não puderam reter as lagrymas, e, dando com intervallos um uivo appropriado, Davis provocou, da parte dos O-Wahuienses, uivos analogos, porém muito mais espantosos: o que grandemente realçou a dignidade de tão importante cerimonia.

Sou, etc.

O CAPITÃO BUGH.

FIM.

A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 143)

Era, pois, para o bello rosto de Julia e em seguida para o semblante carregado do Sr. Gonçalves que Henrique fitava os olhos, esquecia ao mais tudo que o cercava.

De repente, como se acordasse despertado por alguma visão que lhe interrompeu o meditar, Henrique deixou o lugar que occupava e seguiu o pai de Julia, que foi tomar parte n'uma mesa de jogo. Seu rosto então se expandio de alegria: aquelle coração batido pelo amor e pelo raio socegava, e o prazer transluzia-lhe no olhar, no sorriso.

Tal é o imperio do amor. Esta alma de mancebo, avida, ardente esquecera por um instante de ventura que á sua existencia estava minada pela dôr, que a procella do mundo lhe houvera quebrado e reduzido a pó todos os sonhos e esperanças... E' que um momento de prazer, d'esse prazer que se sente bem no amago do coração, compensa annos de soffrimentos.

Voltando depois para onde estava Julia Henrique offereceu-lhe o braço.

Elles atravessaram como seres singulares,

essa turba cujos sentimentos contrastavam salientemente com os seus.

O que viera fazer Henrique no baile? Acaso não acharia um lugar mais proprio para a explicação que ia ter com sua amante?—Tentara-o mas embalde, poisque o Sr. Gonçalves prevenira essa occasião, e só aqui Henrique esperava se encontrar com ella.

O casamento de Julia sendo ainda ignorado de quasi todas as pessoas que se achavam no baile, e conhecidas as relações, quasi fraternas, que os ligava, facil foi a Henrique, sem causar reparo, isolar-se da sociedade e poder conversar com Julia sem serem ouvidos.

—Oh! Julia! disse elle com voz repassada de amor e de angustia:—é pois verdade que o nosso sonho se desfez, que as nossas esperanças foram uma a uma se regelando e morrendo como se tocassem no lagedo frio de um tumolo?!.. E' pois verdade que tu me fugiste,—que um braço caprichoso e maldito cavou entre nós um abysmo que só poderá ser transposto se eu o encher de oiro... ou de sangue?!.. E' pois verdade que um miseravel mortal ousou se emparelhar com Deus e dizer face a face, ao Creador: Vós não podeis dispor da vossa creatura: o seu destino compete-me a mim que sou seu senhor... E Deus, baixando a fronte omnipotente não fulminou aquelle descrido?!.. E' pois verdade Julia, que em breve vás pousar a fronte sobre o peito de outro homem que não eu?.. De outro homem que por ti não poderá sentir sinão ambição ou sensualidade?.. Sabes tu de quanto é capaz a idéa de ver o ente que amamos ir receber os carinhos de outro?.. Sabes tu o que resta ao homem, cuja unica ligação na terra, é um amor?.. e ver esse amor definhando, morrer... e sentir esse laço quebrar-se-lhe no coração... e ouvir uma voz a bradar-lhe constantemente: Mortal—que mais pretendes do mundo?.. Nada!—responde-lhe o coração moribundo... Nada!—responde-lhe a alma abrindo as asas... Nada!—responde-lhe tudo que o cerca... .

—Oh Henrique!—Deus é testemunha de como eu te amo com todas as forças de minha alma!.. Escuta.—Eu vejo uma escuridão estender-se diante de meus olhos e o coração embalde tenta quebrar as trevas porque está torturado pela dôr... O meu animo quebrou-se d'encontro a adversidade e eu só tenho forças para te dizer: Ordena e eu obdecerei.—Queres que eu me case

com esse homem?—casar-me-hei: queres que eu morra antes do que contrahir esses laços? eu morrerei... Falla, ordena, eu quero obdecer-te. O corpo talvez possa ser curvado pela força, mas a alma essa é tua, sómente tua!...

O mancebo callou-se. Aquelle amor immenso, aquella submissão cega, aquella implorar de escrava—mas de escrava que voluntariamente se submete, o arrebatou, deu-lhe n'um instante a compensação de tantas horas de soffrimento.

Com tudo quiz experimenta-la:

—Julia, perguntou elle, tu queres fugir comigo?

—Fugirei contigo, Henrique, respondeu ella sem hesitar.

—Assim tu me amas tanto que collocas o teu amor acima dos teus deveres! Tu esqueces a virtude que ordena obdiencia a teu pai? esqueces que a tua fuga lhe irá causar tantas dôres, e quiçá a morte... por que aquella coração frio a tudo mais ama-te com tudo extraordinariamente?... perguntou elle hesitando, mas não podendo reter um impulso de zelo.

—Oh Henrique!—porque mo perguntas? Quem sobre o tumulo que se abria para receber o cadaver de sua mãe não hesitou em te dar o teu amor, poderá agora trepidar?—Quem um anno inteiro alimentou esse amor com lagrymas e alegrias, com esperanças e duvidas: quem já se a fez desde a infancia a considera-lo como parte essencial da propria vida,—parte nobre e sublime,—poderá agora hesitar no ultimo passo que lhe pode dar a posse plena desse affecto, desse amor acrysolado pelo soffrimento d'uma esperança que morreu, d'um sonho que mentiu, d'um futuro, em fim, que se nublou?...

Mas—porque essa ironia veio fazer-te sorrir os labios quando teu coração chora e geme? Acaso a desesperança levou-te de vencida a tal ponto que duvidasses de mim?.. Ingrato—pensava que o meu amor era para ti um ponto de fé... Por ventura crês que algum interesse me liga a esse homem? não: elle me é inteiramente indifferente.

—Então tu o odêas, Julia?...

—Não, Henrique: para odia-lo era preciso que pensasse nelle e eu só penso em ti.

—Obrigado, Julia, e teu sacrificio é sublime, mas é de natureza tal que um mortal commetteria um crime se o exigisse para si.

—Então consentes que eu me case, Henrique?..

—Casar-te!.. Oh meu Deus!.. Avistar lá no seu passado a imagem d'um anjo, ama-lo, esquece-lo por instante porque a alma se precipitou n'um tremedal, avistar de novo esse anjo que a foi salvar e perdê-lo outra vez e para sempre?!... Oh por que não me deixastes antes morrer na embriaguez dos vicios, no lódo da infamia desapparecer como um impio?.. Porque reverdeceste minhas esperanças e antes de bem maduras o vento do desespero veio de novo desseca-las?.. Querias me erguer tão alto para que a queda fosse maior?.. Meu Deus! meu Deus!—por ventura a causa do injusto é a que deve triumphar?

—Henrique, porque blasphemares? disse Julia assustada daquella exaltação.—Já te não disse que eu estava prompta a obdecer-te, que executaria cegamente a tuas vontades?—porque este amor cegou-me, paralyçou-me as forças, dominou-me, e eu estou prompta a sacrificar tudo por ti?—Falla, Henrique, ordena.

—Adeus Julia, a dança findou, e aquella cavalheiro que se aproxima provavelmente vem te buscar para fallar-te banalidades. Vai—enviar-te-hei por escripto a minha resolução definitiva.

Henrique retirou-se d'aquella casa de prazeres ligeiros de banalidades, de hypocrisias.

Seu cerebro ardia. A lucta do dever e da paixão tocara á meta: qual delles succumbirá? O crime e a virtude surgiram valentes d'um mesmo sentimento: qual delles vencerá?

Aquella musica suave, aquella sussurrar de tantas vozes animadas, aquella submissão cega de sua amante, cuja existencia lhe veio cair aos pés, a febre que se apoderára delle após tantas noites de insomnia—tudo isso o fazia desvairar. Elle chegara ao ponto terrivel, medonho da existencia em que uma circumstancia qualquer poderia vir lhe circumdar a fronte com a corôa luminosa do martyr, ou imprimir-lhe o ferrete do crime.

Dois caminhos tem Henrique a trilhar: abnegar o seu amor, ou fruirl-o roubando-o. Quanto ao primeiro nem elle o pensára: abnegal-o era talvez morrer, e elle queria viver porque amava.

Quanto ao outro, a idéa d'um segundo raptô o amedrontava.

Porisso elle hesitava. Suppondo agora que nm incidente, uma circumstancia lhe

venha trazer ao animo o despejo de vingar-se: ainda hesitará elle? E então qual dos dois caminhos seguirá elle?

Caminhou pelas ruas sem tino, sem fim prefixo, mas o instincto da paixão incumbiu-se de leval-o ao seu fadario.

Após algumas horas de divagação pelas ruas, Henrique acordou-se da lethargia em que jazia e vio que estava na ponte de... caminho da chacara do Sr. Conçalves...

A noite se transtornára, o vento soprava rijo e as nuvens correndo se condensavam no céu escuro. Os trovões commecçaram a roncar na abobada celeste onde as estrellas desmaiavam aos poucos a medida que a tempestade se formava.

O coração de Henrique sympathisava com esta noite, com a lucta que começavam de travar os elementos, porque elementos igualmente hostis encontravam-se e luctavam no seu espirito. Por isso seus olhos se fitaram na tempestade e elle sorriu... Dirieis que elle sorria aquella vingança de Deus.

Derepente pareceu-lhe ouvir um som longinquo, surdo similhante ao rodar de uma carroagem. Então um temor convulsivo agitou-lhe os nervos e fel-o parar em meio da ponte.

A carroagem se aproximava rapidamente.

Henrique ia ver passar, talvez sem saber que elle alli estava, a mulher que era o arbitro da sua vida.

A carroagem chegou a entrada da ponte, mas os cavallo, topando com aquelle vulto negro, entrepararam bufando.

—Arreda! gritou o postilhão, ou dou-te com o chicote.

Ouvio-se um estalo de chicote e a carroagem passou além...

—Oh! rugio Henrique, Francisco Gonçalves, potentado, tu insultaste o pobre... mas o pobre póde vingar-se, deshonnar-te, humilhar essa fronte orgulhosa, atirar-te lódo ás cans!... Vingança, quero vingar-me!...

—Vingar-te-las, mancebo!—disse uma voz cheia, pausada, lugubre que parecia surgir da terra, ou fallar no ronco do trovão que naquelle instante retumbava fortemente no espaço.

—Quem é que responde ao grito de vingança? perguntou Henrique admirado, e voltando-se para o lado d'onde partira a voz.

—Eu! lhe respondeu um vulto se aproximando e olhando-o para á face.

—Tu! e quem és tu velho, que parece seguir-me por toda a parte? quem és tu velho, que no dia do desespero vens com voz satânica prometter-me vingança?

—Silencio mancebo!—Ainda não é tempo de me interrogares.—Sou o teu genio, bom ou máo ainda não é chegada a hora de t'o dizer. Sabe por enquanto que fui eu quem revelou teus amores, que fui eu quem te avisou do casamento que se contracta para a tua amante. Escolhe agora: queres o amor ou queres a vingança?

—Oh, o amor!... eu amo-a tanto!... respondeu Henrique dominado pela voz firme e convencida do velho.

—Queres o amor, e queres a vingança? esqueces o insulto ao rico e teu orgulho não se revella? Então porque bradaste vingança si teu animo era fraco, si teu grito ia se perder no amor d'uma mulher?

A tempestade se rompêra, a chuva começava a cair. Os relampagos se reflectiam nos olhos do velho que sorria vendo a exaltação de Henrique.

—Queres então o amor? tel-o-has: beberás té o fundo a taça do amor daquella virgem...

—Sim! respondeu Henrique, como se fallasse a si mesmo: eu quero amal-a, eu amo-a tanto!...

—Terás tambem vingança, e tão completa quanto será o teu amor.

—Ainda uma vez velho, interrompeu Henrique—quem és tu que vens te collocar no meu caminho, e te incumbires de dar-me aquillo que o proprio céu parece recusar-me?

—Vai, mancebo. A chuva engrossa, a tempestade cresce, vai repousar, que de grande reponso precisas, para o que se prepara... Amanhã te irei procurar á meia noite menos um quarto. Antes disso não dês um só passo, se devéras queres a tua amante.

Henrique deixou o velho, dirigio-se a sua morada.

—Oh, Elisa!... Oh minha Elisa!... o momento da vingança se aproxima... tu te far-tarás de vingança!... exclamou o velho beijando um craneo e apertando-o depois ao coração.

A tempestade se rompêra de todo, a chuva caia a cantaros, e o trovão roncava mais fortemente no espaço.

Era solemne e medonho aquelle pacto que fazia nas trevas um moço louco de paixão com um velho desconhecido, que surgio de repente como para decidir do seu destino.

Aquella hora morta, aquelle combate dos elementos fazia sinistro e de mau agouro este pacto concluido nas trevas.

(Continúa.)

Celso ainda era bem pequeno, e já tinha comprehendido o seu dever para com sua mãe. Elle mal conheceu o pae, porque o perdeu quando ainda era criança; e assim todo o seu amor foi votado ao ente de quem nasceu.

«O meu Celsinho, dizia a mãe ás suas amigas, quer-me tanto bem, é tão meu amiguinho, que se priva até dos seus brinquedos, somente para estar sempre ao meu lado vigilante, a espera que eu o occupe em algum mister que necessite. E' o menino mais serviçal que já hei visto; agora ajuda-me nos meus trabalhos, logo busca meios de detancançar-me; ora conforta-me com os seus ditos engraçados; ora compartilha das minhas magoas; e procura suavizar-as!»

E na verdade, Celso era mercedor dos elogios que sua mãe lhe fazia.

Maria, a mãe de Celso, ficara viuva e com poucos teres; e a não ser o seu bom filho, bem difficil lhe seria educar, como educou, as quatro filhas, irmans de Celso. A' medida que este menino bem inclinado ia crescendo, se ia cada vez tornando mais util á sua mãe e ás suas irmans. Sempre disposto ao trabalho, começou bem moço a ganhar com que occorresse em parte ás despesas da familia. Dotado de um espirito laborioso, tambem o era de talento e amor á instrucção; e assim Celso não perdia um só momento em que podesse cultivar a sua intelligencia; era dado aos livros; e fez grandes progressos no conhecimento delles. Estudava com assincio, e gozou fama de ser bom estudante. Unicamente recorrendo aos seus esforços, achou meios de se illustrar. Com o trabalho e economia alcançava não só para satisfazer ás despesas com a sua instrucção, mas mesmo em parte com a casa de que se havia tão jovem constituido chefe.

Aos vinte e um annos, Celso tinha conseguido já sua formatura em direito; e apesar de ter então oportunidade de encartar-se na magistratura, ou seguir a carreira administrativa, que tantas vantagens e honras lhe offereciam, elle preferiu dar-se a advocacia, vida sem duvida mais modesta e de futuro mais incerto, somente para não separar-se de sua querida mãe.

Despresou mesmo casamentos vantajosos, só para não ter de dividir o amor que á mãe havia dado; para ser ella sempre o objecto dos seus cuidados, e com ella só prodigalisar toda a sua ternura.

Celso é um exemplo dos bons filhos.

C. Y. 17 de Abril de 1857.

A vingança d'um Irudo.

(Continuado da p. 151)

V.

«Pensas tu que se a cabeça me corresse algum risco, eu a exporia por te salvar?—Oh—que não!—Tambem tenho a minha vingança e quero folgar depois de a ver satisfeita...»

(A. HERCULANO, O BOBO.)

Henrique recolheu-se a sua habitação.

A appareição daquelle velho, a maneira estranha por que elle se apresentou, o mysterio em que se envolvia, o modo firme e convicto com que lhe fallara, a promessa que lhe fizera de no dia seguinte ir procural-o, á hora que escolhera, meia noite menos um quarto, qual a significação de tudo isso? O que pretendia o velho dizer-lhe nessa hora? De que meios poderia um mendigo dispor para assegurar-lhe o goso do seu amor e a satisfação da sua vingança?

Henrique luctou largas horas com estes pensamentos capazes de impressionarem qualquer espirito são, quanto mais o seu que estava enfermo.

Deixou-se cair na primeira cadeira que encontrou.—Immovel, pallido, quasi desanimado a manhã o vio sentado na mesma posição que tomara, horas antes. Fora-lhe uma noite de vigilia eterna, cruel, pungente, noite de provação perigosa, travada de amargores, porque durante ella sen espirito deu o combate supremo e final contra a virtude e contra o vicio.

Sua alma desfalleceu e succumbio nesta lucta... Satan deveria ter dado uma gargalhada de prazer e de escarneo porque mais uma vez a causa do mal triumphou. A providencia parecia ter largado mãos d'uma causa em que a virtude era tenazmente atacada. Digamos antes: Nesta noite meltonha para os combatentes, mais uma vez a virtude foi sacrificada ao crime, ou mais uma vez ella servio de instrumento á punição do crime.

Tudo concorria para a victoria do mal.

D'um lado uma jovem cuja natureza ardente cavara-lhe fundo no coração um amor immenso que, só, o alimentava um amor que lhe corria nas véas como seu proprio sangue, que ainda era mais: para possuir este amor ella sentia-se capaz de sacrificar a vida; porem para conservar a vida, ella não sacrificaria o seu amor.

D'outro lado um jovem que parecia comprehendel-a, que sentia por ella uma paixão

louca, insondavel, que ás vezes se aproximava a uma paixão selvagem, medonha.

Collocae agora entre estas duas criaturas uma barreira insuperavel: ameacai-as de um golpe tremendo que lhes vá separar o amor, e o que tereis? a loucura ou o crime, nunca, porem, a abnegação.

Mostrae-lhes, porém, um caminho seguro em cujo termo estas duas almas se encontrem, se liguem para nunca mais se separarem, e ellas se lançarão cegas, dilirantes, sem olharem por onde pisam porque as impelle a paixão.

Essa barreira era o Snr. Gonçalves.

Esse caminho era o rapto de Julia.

Mas porquemotivo o Snr. Gonçalves se collocára entre Julia, sua filha unica, sua unica ambição, e o seu futuro de moça ridente de esperanças e de amor? Porque trocar-lhe esse futuro por um futuro de dores e de amarras? Seu unico affecto—porque esmagal-o aos pés? Porque não consentir na sua união com o homem que ella escolhera, com o homem cuja existencia estava ligada a sua por um laço fatal, insolúvel? Seria unicamente por um requinte de maldade? Acaso o Snr. Gonçalves era um desses homens, que sentem prazer em derramarem lagrimas de todas as pessoas que com elles estão em contacto?

Julia lhe havia confessado tudo, Julia se lhe havia arrojado aos pés, supplicando mercê por seus amores.—Affastal-a de Henrique, lhe dissera ella, era impellil-a á sepultura. Minha filha, lhe respondeu seu pai: para te unires a Henrique será preciso que primeiro passes sobre meu cadaver; e minha alma reproba, por ti será lançada aos infernos!..—Julia nada mais disse: callou-se e esperou que seu amante a salvasse.

Comtudo, bem se vê, uma causa mysteriosa une e repelle estas tres criaturas.—Qual será ella?

Daqui a pouco o sabereis. Henrique havia escripto no seu Diario: «Talvez que algum crime bem horrivel borrifasse de sangue o meu corpo infantil...»

.....
Longo, e triste foi o dia que Henrique passou luctando contra pensamentos tão oppositos. O tempourgia. Dahi a dois dias devia ter lugar o casamento de Julia; cumpria pois decidir-se.

Anoiteceu.

A anciedade de Henrique era indisivel. Cada hora que se escoava retumbava-lhe no coração como um grito de angustia, como brado de morte. O relógio parecia um tumulto a

marcar-lhe as horas da existencia, parecia-lhe que em cada hora que soava, a imagem de Julia recuava-se delle ao passo que o tumulto se lhe aproximava—aberto, vasio a espera d'um cadaver.

A idéa de raptar Julia o dominava, era o unico meio de subtrair-a ao casamento. Mas o velho lhe havia dito que esperasse... Esperar!... Deus sabe se n'um coração como o delle a esperança pode raiar!..

O relógio bateu onze horas. Henrique correo á janella: ainda não era tempo: a rua estava deserta e silenciosa.

Elle pensava no velho. Este pensamento o atormentava, acabrunhava-o, prendia-o áquele desconhecido. Por mais que quizesse não podia convencer-se de que elle fosse um impostor; convencera-se antes que aquelle individuo, quem quer que fosse elle, grande influencia tinha de exercer sobre o seu destino. Mas quem será elle?.. Era a pergunta que durante o resto da noite e o dia seguinte dirigia a si. O mendigo lhe era um mysterio.

Esperava-o. O coração pulsava a encomodar-lhe o peito.

O relógio bateo onze horas.

As pernas de Henrique fraquearam-se, o animo o desamparou, uma nuvem passou-lhe pelos olhos.

Depois elle se reanimou. Alguma coisa de intimo lhe dizia que esta era a sua hora suprema, que nesta hora uma sentença irrevogavel ia-lhe dicidir da vida.

Tres pancadas soaram mansamente na porta. Onze horas e tres quartos soaram ao mesmo tempo.

—Entraí, disse Henrique commovido.

—A porta se abriu, o velho entron.

A salla era fracamente allumiada pela luz d'um candieiro.

—Finalmente! exclamou Henrique, sem saber se este grito era de alegria ou de medo.

O mendigo sentou-se socegradamente.

—Mancebo tens então muita fé em mim? Cres que te posso valer? A tua exclamação denotava anciedade: esperavas-me como se espera a morte, ou a salvação?

—Não sei, lhe respondeu Henrique: Hontem me diseste que te esperasse e eu esperei. Falla. Sómente te digo que daqui á dois dias Julia se casa... Si a podes salvar—salva-a... Sinão vai-te embora.

O velho sorriu-se.

—Tem paciencia, moço.—Porque tua amante está em vespervas de ligar-se a outro homem, cres haver sorvido, té o fundo a taça do infortunio?.. Tu és um louco!.. O cora-

ção do homem pôde soffrer ainda mais, continuou elle com vós rouca,—pôde aproximar-se mais de perto da dôr, toca-la e não desanimar, quando alenta-o um brado de vingança, quando este brado quebra o silencio de um tumulto para vos seguir como a vossa propria sombra!.. Um homem escarrou-te na honra, feriu-te no coração—paga-lhe escarro por escarro, e quanto ao amor... Escuta. Vou contar-te a historia que soffreu mais, que passou por todas as torturas do amor, que curtiu todas as torturas de um insulto horrivel.. Esse homem, porém, viveu.. porque queria vingar-se... porque á sua vingança estava ligado o repouso de uma alma... porque, noite e dia parecia-lhe ver um cadaver remover-se no fundo de seu tumulto!.. Silencio!.. Ouvir-me-has até o fim! Depois falaremos de ti e de tua amante!..

O desconhecido callou-se por alguns instantes. Quem lhe observasse os movimentos veria que as mãos lhe pousavam sobre o coração, apertando sobre elle alguma cousa que se não podia distinguir. Um lenço vermelho lhe encubria quasi todo o rosto, via-se, porém, que os olhos lhe fulgiam com fulgor diabolico.

O mendigo começou a sua historia.

« Houve em Lisboa um homem, já velho e enfermo, que tinha por lenitivo da idade e dos encommodos dois filhos gemios. Sua companheira, apos dôres horriveis, morrera ao lança-los a luz.

« O velho amou as creanças como pai extremoso, e addicionou á esse affecto o amor e a saudade que sentia por sua mãe.

« Este homem era possuidor d'uma riqueza imensa.

« Sua unica ambição, os gemeos cresceram encontrando nelle o affecto paternal e a ternura d'uma mãe desvellada.

« Os gemeos recompensavam-lhe tanta dedicação. Sempre unidos, doces aos seus conselhos, as qualidades que começavam a caracteriza-los bem denotavam que a honradez e elevados sentimentos do pai seriam succedidos pelos dos filhos. Nem o velho poupava dinheiro para educa-los, para desenvolver-lhes as qualidades que tão propiciamente nasciam.

« Cresceram. Citavam-nos como exemplo digno a ser imitado. Os irmãos pareciam-se em tudo: os mesmos gostos, as mesmas inclinações, as mesmas esperanças os faziam duas vezes irmãos.

« O velho quando os viu aptos para a vida mercantil, em que principalmente elles tinham

sido educados, e para o que manifestavam tendencias pronunciadas, pensou que chegada era a hora de descançar, que trabalhado já havia de sobejo e assim entregou-lhes a gerencia da casa.

« O bom do velho se julgou feliz.

« Todas as noites, ao abençoar os filhos, seu estribilho constante era: Meus queridos filhos, nunca vos haveis de separar.

« Um dia o velho sentiu-se mais encommo-dado que de costume. O medico chegou, e, ao examina-lo, extremeceu empallidecendo. A molestia apresentava symptomas atteradores, equicá a morte já pairava em torno d'elle.

« Foi uma hora pungente para o pai e para os filhos essa em que elles se iam separar. Foi ali que se manifestou á evidencia o laço que unia estas tres creaturas. Foi uma dor profunda, porém muda—nem lagrymas, nem gemidos, nem soluços: sentiam, estavam convictos desse sentir, por isso callavam-se.

« O velho, vendo que a morte se aproximava, fez um esforço supremo e chamou os dois filhos para juncto de si. Collocou as mãos tremulas e emagrecidas sobre suas cabeças, e lhes disse com vós enfraquecida mas solemne:

«—Meus filhos,—é das bordas do tumulto que eu vos fallo pela deradeira vez. Attendei bem as minhas palavras e observae-as religiosamente porque são as ultimas que eu vos direi antes de distar-me para o somno eterno. E' o conselho de um pai muribundo, é a sua vontade sancionada pelo Altissimo, cuja presença eu entre-vejo; é uma lei sagradissima para vós ambos e a cuja observancia se liga minha bençãam suprema, e no caso contrario a minha maldicção eterna. Com um pé no tumulto, ás portas da eternidade, eu vos digo: Meus filhos, é minha vontade que vi-vaes sempre unidos. Casar-vos-heis. tereis filhos, sereis felizes, mas formando uma só familia. A fortuna que vos deixo nunca será dividida em quanto viverdes: se assim o fizerdes a bençãam d'um extremoso vos acompanhará sempre... Senão sereis amaldiçoados!..

« O velho poucos instantes depois morreu, recebendo dos filhos os ultimos signaes de veneração;—morreu certo que os filhos observariam suas ultimas vontades.—

(Continúa.)

Nos rimbombos dos roucos trovões.
Açoitados confrangem-se os polos;
Vergam brancos imbelles os collos;
Pulsam medo seus vis corações!

Olinda, 1834.

Trajano G. de Carvalho.

A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 157)

«Coitado que mal sabia que um genio máo adejava irroso sobre sua familia!

«Os dois gemios ficaram inconsolaveis, por muito tempo choraram a morte do pai. As ultimas palavras do velho ficaram lhes gravadas indelevelmente no coração, e elles as observaram com fé religiosa, sempre unidos, sempre accordes, sempre gratos e respeitosos á memoria de seu pai. Nada lhes faltava. Honrados, respeitados eram acolhidos pelas melhores sociedades. Prudentes nas suas operações mercantis a fortuna lhes era propicia porque não os cegava a ambição.

«Lá do Céu o espirito do honrado pai velava sobre elles, sua benção derradeira os acompanhava sempre.

«Mas a felicidade precisava de ter o seu fim... as flores seccaram e o abysmo se patenteou... Parece que Deos teve zelos da ventura daquelles dois homens pois que os abandonou, e o espirito do mal acolheu-os em seu seio com um ser hediondo de prazer...

O velho callou-se por um instante. Via-se que elle apertava com mais força as mãos sobre o peito que arquejava, e os olhos rolavam-lhe nas orbitas com expressão horrivel.

Depois continuou.

«Um dia, um dos gemios encontron-se casualmente com uma moça. Ve-la foi sentir que aquella jovem não lhe era desconhecida, que era a realidade de um ideal que amava em sonhos, que aninhava no secreto do coração. As roupas que trajava não indicavam opulencia, ántes penuria de meios; um que de ingenuo, de puro, de innocente transluzia-lhe ao semblante. Elle não mais a esqueceu. Seguiu-lhe os passos, syndicou-lhe a vida que levava, seus precedentes, e colheu: que aquella jovem era orphã de pai, que vivia na companhia de sua mãe, que trabalhava para subsistir. Para elle era isso mais que sufficiente.

«Dirigiu-se á casa da moça, bateu, abriram-lhe. Disse quem era,—disse, não por que fosse rico, mas porque sabia que o homem honrado tem cabimento em toda parte. Disse francamente á jovem que a estimava, pediu-a

em casamento á sua mãe e a ella uma resposta dictada unicamente pelo coração.

«Aquellas pobres creaturas se impressionaram, porque pensavam que neste seculo do oiro só é por excepção de regra que o rico desce das galas da opulencia para vir até o pobre, quanto mais ligar a vida á delle.

«Mas nada tinham que lançar-lhe em rosto. Toda Lisboa sabia que os gemios não costumavam gastar seu tempo e seu dinheiro em dissoluções, que seus costumes estavam em opposição aos de quasi todos os moços ricos.

«Com tudo pediram-lhe dois dias para deliberarem. Elle esperou, como se costuma esperar nestas occasiões. Todavia alguma coisa lhe predizia a felicidade.

«O outro irmão estava inteirado de tudo, pois que entre elles não havia segredos.

«No fim do segundo dia foi saber da resposta. Deram-lha. A moça lhe confiava o seu coração e se dizia feliz e grata por tal união. No rosto lhe brilhava a alegria: si ella ainda não amava-o estava perto disso, porque o coração lhe dizia que aquelle homem era capaz de move-lo, de apaixonar-lo á força de tanto o amar. Quando elle lhe perguntou se ella o amaria tanto quanto elle desejava, e que lhe respondeu que sua alma nunca sentira sensação alguma a não ser por seus pais, e que por tanto lha entregava pura tal qual Deos a formára.—aquelle homem exultou, agradeceu a Deos e a ella por tanta ventura.

«Casaram-se.

«Nem elle, nem ella se haviam enganado. Elle amava-a sempre e cada vez mais: ella deixou o coração se abrir, se abreviar de um affecto intimo, singelo qual o de esposos, aos quaes um já amava profundamente, e o outro começava a amar com toda a liberdade, com todo o gozo do amor.

«O gemio casado, segundo a recommendação de seu pai moribundo, não mudou de casa; disse ao irmão que trazia-lhe uma irmã, pediu que com ella repartisse a amizade que lhe dedicava a elle.

«Elle o fez... Escuta, mancebo, vás ver agora até que ponto de infamia, de degradação e de miseria pôde chegar o coração humano!.. Vás ver, por outro lado, até que ponto o coração do homem pôde tragar a dôr, savoria-la, sondar-lhe o fundo e não desanimar porque anima-o um grito de vingança! Compára o que aquelle homem soffreu aos teus proprios soffrimentos e véras que a desgraça apenas te ha ameaçado, que apenas déste o primeiro passo na carreira do infortunio!

«Foi um anno de delicias o primeiro anno que o casado gosou em companhia de sua esposa. Seu irmão não cessava de felicita-lo, de repetir que pedia a Deos lhe desse uma esposa como a sua. De feito, nada lhe faltava: encontrára nella tudo quanto uma mulher pôde reunir em si para apaixonar um homem.

«Lá do Céu o espirito do honrado pai parecia vellar sobre elles, sua bençãam derradeira acompanha-los sempre.

«Chegamos agora ao reverso do quadro.

«No fim desse anno o irmão solteiro apresentou ao outro este projecto: De estabelecerem uma casa commercial no Brasil, com parte dos fundos da de Portugal; e pedia ao irmão que passasse á este paiz para o fim de escolher uma praça vantajosa ao commercio que tinham em vista.

«O irmão objectou-lhe: Disse que tinham meios sufficientes, e até abastança; que não havia necessidade de tentarem fortuna; que esse projecto indicava summa ambição e seria reprovado por seu pai se elle o pudesse julgar &c.

«Nada porém o convenceu. Uma alteração ia ter lugar a respeito da separação de bens e domicilio, mas o outro cedeu para evita-la.

«Consentiu na empresa. Sómente observou-lhe que era mais natural que o encarregado desta missão fosse elle que era solteiro. O irmão excusou-se: Disse que a sua saude estava fraca, que temia por ella os injões d'uma longa viagem &c. O irmão acreditou-o.

«Sua esposa pediu-lhe que a levasse com sigo, mas elle temendo a viagem e tendo de voltar mostrou-lhe que melhor era ficasse na companhia de sua mãe e irmão. A pobre moça resignou-se e viu seu marido partir deixando-lhe o coração oppresso de saudade e de susto.

«Veio ao Brasil. Percorreu Pernambuco, depois a Bahia e finalmente o Rio de Janeiro, e escreveu ao irmão que esta praça era a que elle julgava mais adequada ao commercio.

«Excusado é dizer que a sua esposa elle escreveu uma carta longa, repassada de amor e de saudade.

«Tres mezes gastara nesta viagem e dois mezes depois ainda não tinha recebido resposta nem do irmão, nem da esposa. Escreveu segunda ves e esperou debalde pela resposta porque esta nunca chegava, e mais tres mezes lá se iam sobre os outros.

«Passou-lhe pela idéa partir immediatamente para Portugal, mas absteve-se, e escreveu terceira. Um máo genio parecia pega-lo

a esta terra: esperou mais trez mezes e a resposta nunca chegava.

«O receio que o tomára á principio se havia transmudado em susto. Não sabia a que devesse attribuir tal caso. Não acreditava que as cartas se houvessem transviado por tantas vezes, e, ainda mesmo que assim acontecesse, de Portugal sua esposa e seu irmão deveriam-lhe ter escripto. De mais, as pessoas que para lá haviam escripto nas mesmas occasiões receberam resposta.

«Finalmente uma carta chegou. A lettra era do irmão. Pensou que dentro houvesse carta da esposa: nada!..

«O que este homem experimentou lendo a carta faze-tu idéa, mancebo, se agora te viessem dizer que a tua amante está morrendo...

De facto, o effeito foi rapido: Henrique se levantou empallidecendo e olhando para a porta..

«Senta-te, disse o velho sorrindo talvez á imagem da vingança que se desenhava na quelle movimento de Henrique. Escuta o resto.

«A carta era breve. O irmão apenas dizia: —que sua cunhada morrêra, e que elle voltasse á Lisboa—nada mais continha... mas para elle era tudo!..

«—Tú não podes avaliar a dôr daquelle homem—porque nunca sentiste uma esperança em flôr morrer-te de repente n'alma, nunca sentiste uma lagrima de moribundo banhar-te o coração, nem na hora do passamento invocar teu nome!.. A morte nunca deixou-te um legado á cuja execução se prende a tua vida, porém o mais tudo morreu para ti!.. Quando passares por tudo isto então poderás apreciar a dôr daquelle homem...

«Entretanto, ou fosse presentimento, ou a carta tão laconica lhe desse que pensar, acreditou que a morte de sua mulher estava envolvida em algum mysterio.

«Embarcou-se no primeiro navio que fez rota para Lisboa.

«A viagem durou-lhe um seculo—tanto o atormentava o desejo de ir derramar uma lagrima sobre o tumulo de sua mulher, e saber dos seus ultimos instantes.

«Finalmente avistou Lisboa. Então lembrou-se que d'ahi havia partido com o coração cheio de saudade e amor, porém com o peito cheio de esperanças, e agora regressava com a dôr na alma, o coração enlutecido e as esperanças mortas.

«Seria superstição? Acreditou que o espirito de seu pai o tinha desamparado, que

sua bençãam suprema era substituida pela maldição.

«Todavia a consciencia lhe estava pura: perante Deos e os homens elle não se reconhecia réu nem si quer da menor infração do dever.

«Assim, elle presentiu uma desgraça.

«Desembarcou. Correu a casa do irmão para chorar com elle a sua dôr... era o seu unico amigo... Entrou.—Os criados com os semblantes tristes o receberam n'um signal de alegria... Parecia que tinham medo de mostrarem prazer onde só havia dôr... Perguntou pelo irmão: nada lhe responderam: perguntou pela sogra:—disseram-lhe que morrera de tanto chorar.

(Continúa.)

MOSAICO.

Na margem occidental do Missouri, algumas millas acima da sua junção com o Yellow-stone (o pedra amarella), as lombas das serras, que estão superiores ao nivel do rio obra de 84 toesas, mostram um phenomeno credor de mui especial observação; por quanto a superficie inteira desse terreno se descobre semeada de troncos, raizes e ramos de arvores, mas tudo convertido em substancia de pedra:—quem as vê, capacita-se que algumas arvores foram arrancadas pelas raizes, outras partidas acima do pé. Dous officiaes das tropas dos Estados-Unidos mediram um dos troncos maiores e acharam-lhe vinte e dous palmos de circumferencia.

Ha um grande numero de phrazes e expressões vulgares, em que se faz allusão aos sete dormentes; e ha tambem um grande numero de pessoas que ignoram a historia destas celebres personagens. e por consequencia o valor exacto da phrase de que se servem, o que nós aqui poremos em breves palavras.

Entre as lendas fabulosas de que estão cheias as antigas chronicas ecclesiasticas, martyrologios e sanctoraes, uma das mais notaveis é a dos sete dormentes, os quaes acordaram no tempo do imperador Theodosio, o moço, e da invasão dos vandalos na Africa. Quando se levantou a perseguição feita aos christãos pelo imperador Decio, sete mancebos nobres, naturaes d'Epheso, esconderam-se dos tyranos n'uma espaçosa caverna aberta em certa montanha proxima daquella cidade.. Soube disto Decio e ordenou que entulhassem a entrada da gruta com grandes pedras. Apenas,

porém, esta ordem cruel se executou os sete mancebos cahiram em somno profundo, que se prolongou milagrosamente, sem lhes consumir as vidas, por um periodo de 187 annos. Passado todo este tempo os escravos de um certo Adocio, que herdára o dominio daquella montanha, precisaram de remover as pedras que tapavam a boca da gruta para construir varios edificios ruraes. A luz do sol penetrou na caverna e os sete dormentes acordaram. Como, depois de haverem dormido por algumas horas, a fome os apertava, resolveram que um delles chamado Jamblico voltasse disfarçado á cidade de modo que não fosse conhecido dos esbirros de Decio, e comprasse pão para os outros. O mancebo—que tal pelo menos se cria elle—ao sahir da caverna mal pôde reconhecer o aspecto do seu paiz natal, que tão familiar lhe era; e mais espantado ficou vendo ao entrar em Epheso uma cruz triumphalmente erguida sobre a porta principal da cidade. Dirigiu-se a um padeiro, este ficou cheio de assombro ao ver-lhe o traço singular e ao ouvir-lhe a linguagem antiquada, assombro que augmentou quando Jamblico lhe deu para pagar o pão uma medalha com a effigie de Decio, como se fosse moeda corrente do imperio. Jamblico tornou se então suspeito de ter achado algum thesouro enterrado e por isso foi levado á presença do juiz. Pelos interrogatorios e depoimentos descobriu-se finalmente com admiração geral o modo porque Jamblico e os seus companheiros tinham escapado havia quasi duzentos annos á furia do tyranno Decio. O bispo d'Epheso, o clero, os magistrados, o povo e até o imperador Theodosio, foram visitar a caverna dos sete dormentes, que depois de relatarem a sua historia expiraram immediatamente.

Mahomet provavelmente ouviu contar esta lenda, que devia ser vulgar na Syria já no sexto seculo, e assim introduziu-a no Koran como uma revelação divina. A historia é, por tanto, conhecida não só entre os christãos da Europa, mas tambem entre as nações da Africa e da Asia que seguem a religião mahometana.

Em certa época em que grande numero de titulos foram concedidos pelo governo, compoz um poeta o seguinte

Foge, cão,
Que te fazem barão;
Mas p'ra onde,
Se me fazem visconde?

nunca entrei, ficava sempre de fóra, Rosa até agora é minha irman.

— Mas então como é que se soube?

O africano não respondeu. Sómente os olhos se lhe injectaram mais de sangue e o peito lhe arfou.

— Responde, negro!

— Quem descobriu merece mais castigo do que eu...

— Então quem foi?

— Aquelle!.. rugiu o africano apontando para o creoulo: e dando um passo.

O creoulo estremeceu e deu tambem um passo para traz.

— É teu inimigo?

— Ainda não, é somente de Rosa.

— Conta isso, negro!

— Uma vez fui tirar Rosa a quem *elle* (o africano não lhe queria pronunciar-lhe o nome,) tinha atirado ao chão e queria fazer mal.

— Então, meu moleque, disse o fazendeiro sorrindo-se e voltando-se ao creoulo,—tinhamos ciumes neste negocio, cim?

O creoulo tambem sorriu meio de medo, medo de alegria, um riso *amarello*.

— Sim, Senhor, é inimigo de Rosa porque lhe quiz fazer mal, se o tivesse feito tambem seria meu e então estava morto...

— O que negro?! repete isso!..

— Sim, Senhor, se tivesse feito mal *elle* estava morto...

O fazendeiro pulou bramindo como um tigre sobre o africano, porém por mais rapido que fosse este movimento não o foi tanto como o de Antonio em se afastar para traz tres passos e tirar do bolso um canivete aberto. Um grito resoou a um tempo de todos os assistentes. Antonio, porém, avançou tres passos e entregou o canivete ao senhor.

Era uma lição...

—Agarrem-no e levem para o tronco esse patife!...Heide fazer-lhe abaixar a cabeça!...

O creoulo foi o segundo em se chegar para atar as cordas, o primeiro tinha sido o indispensavel feitor...

Antonio estremeceu ao contacto do creoulo: as veias se lhe incharam e um rugido rouco saiu-lhe do peito.

—Bém; por hoje, disse o fazendeiro voltando-se ao feitor, hade-se-lhe applicar 200 açoutes; e Roza que se apronte para se casar com o creoulo.

Estas palavras foram um raio que fulminou o africano: um grito saiu-lhe do peito e seus braços, por um esforço desesperado,

quizeram romper as cordas. Foi, porém, inutil o esforço, e duas lagrymas correram-lhe pelas faces...

Eram lagrymas de fogo, eram duas chammas vivas que revelavam a existencia de um volcão.

Eram duas lagrymas que traduziam toda uma historia, historia de uma paixão immensa, insondavel, cortada derepente pela fatalidade... Eram duas lagrymas que, saidas de *olhos brancos* achariam um vaso, um peito onde cairem, mas de *olhos negros*... era um attestado de medo, e quando muito de raiva...

Lancemos os olhos agora para o lado da cosinha. Lá, em um lugar quasi escuro vê-se um vulto parado—imovel que ouve tudo—que sente o coração romper-se de dor em lucta desesperada. É Roza.

A pobre africana, ao ouvir as ultimas palavras do fazendeiro, cambaleou e foi cair inanimada a um canto da cosinha. Era tambem toda uma historia esse grito desaparecido que ella déra, historia do coração amante—franco, dedicado...

Se fosse uma menina branca que desmaiasse, um grito de piedade seria unisono... a palavra *romantismo* iria corôar aquella quèda muitas vezes comicamente mal desempenhada...

Antonio escoltado pelo feitor e pelo creoulo foi levado a esse lugar que se chama—quarto do tronco.

Paremos no limiar da porta: esse instrumento que ali está vale a pena ser descripto, e a scena que vamos assistir é uma dessas que muito honra a memoria de alguns poucos fazendeiros nossos.

(*Continúa.*)

A vingança d'um irmão.

(*Continuado da p. 167*)

«Caiu abattido sobre uma cadeira. A desgraça começava a lhe bater ás portas. Tinha medo de advinhar o que lhe iam contar, mas a realidade não tardava. Teve impetos de abandonar aquella casa e fugir pelo mundo como um insano. Mas deteve-se: um desejo contrario dominou áquelle: quiz saber de tudo.

«Levantou-se. Diante d'elle estava parado, imovel, o velho criado que já havia servido seu pai. A dor e a velhice estavam casadas naquelle aspecto venerando d'um homem honrado.

—Que é de meu irmão?... Que é feito de minha sogra? perguntou com voz comovida.

«O velho não lhe respondeu. Tomou-o pela mão e o conduziu ao antigo aposento do seu pai. Deixou-se levar. O velho não quizera fallar perante testemunhas.

«Então o velho lançou-se-lhe nos braços, as lagrymas corriam-lhe dos olhos, ou antes ambos choravam. Por entre soluços duas vezes repetiu o pobre velho:—Aqui morreu vosso pai vos abençoando!...

«Depois se assentaram, mas ainda ficaram silenciosos. O velho tinha medo de fallar e elle de o interrogar. Finalmente o criado começou:—Perguntastes-me por vosso irmão, perguntastes-me por vossa sogra?... Quanto a esta santa mulher morreu de dor... porque nem ao menos teve a consolação de receber o ultimo suspiro de sua filha, vossa virtuosa esposa.

—Como é isso, velho?!—gritou levantando-se com o desespero n'alma.—Como é isso?!—Minha sogra não velou á cabeceira de sua filha, e porque? o que a impediu de receber os ultimos suspiros de sua filha?!

—Dois mezes depois da vossa partida para o Brasil, um dia ella saiu chorando desta casa para nunca mais voltar. A causa disto? Sua filha não foi, porque continuamente chamava por ella, e por vós. Quanto avossa esposa, seus ultimos instantes confiou-os ella a um sacerdote que ás escondidas a confessou.

—A's escondidas!!... Tudo lhe faltava, até a religião!! oh!...

«E o pobre homem caio sobre uma cadeira escondendo o rosto nas mãos. Quando se levantou já não era o mesmo homem que alli estivera desanimado, com o coração partido de dor, e os olhos banhados de lagrymas. As lagrymas haviam seccado: um combate mudo, mas horrivel se havia dado no seu espirito. O semblante demudado era horrivel. O olhar sombrio, fixo, parecia encherger uma idéa, segui-la, não deixa-la perder-se. De repente o seu corpo estremeceu, os cabellos se tornaram hirtos, as mãos retorcidas se levantaram em signal de ameaça, e os labios pallidos rugiram uma blasphemia e apóz a palavra vingança desprende-se-lhe do peito com um som cavernoso, medonho, selvagem—como se saisse do inferno...

«O velho servidor ia fallar:

—Silencio!... Sómente mais duas palavras: Que é de meu irmão?

—Vendeu grande parte dos bens e disse, ao partir, que ia ter com seu irmão no Brasil.

—Bem. Como se chama o sacerdote que confessou minha mulher?

—E' o capellão da casa, o amigo de vosso pai. Não se deteve nem mais um instante. Correu á casa do sacerdote. Este abriu-lhe a porta, tomou-o pela mão e disse: Sei a que vindes: entremos para o meu quarto.

«O santo homem sabia que a ferida que lavrava naquelle coração era incuravel, que balsamo nenhum podia a refrigerar; porisso absteve-se de prestar-lhe socorros espirituaes.

—Filho do meu amigo, digno filho do meu amigo! sei quanto soffreis e quanto ainda tendes que soffrer!... Não era entretanto essa a herança que vosso pai deixou: morreu certo da felicidade de seus filhos, mas... Escutai.—Tenho algumas palavras a transmitir-vos... foram ellas ditas na hora suprema em que a creatura vai se apresentar perante seu Creator.—Uma noite, ás onze horas e um quarto o antigo servo de vosso pai bateu-me á porta e pediu-me que fosse confessar alguém que agonisava. Saimos, e com grande espanto meu, vi que entravamos em casa do vosso irmão. Quem periga aqui? perguntei-lhe assustado:—Logo o sabereis, me respondeu o velho, e pediu-me silencio. Entramos n'um aposento fracamente alumiado.—Eis aqui a doente, me disse elle, e retirou-se. Era vossa mulher. Ouvi-lhe a confissão, absolvi-a—era uma santa!—Terminada esta, quando a morte já se lhe desenhava no rosto, ella tomou-me a mão e me disse:—Meu padre—quero que o meu corpo seja sepultado no cemiterio dos Prazeres, e quando meu marido chegar, pesso-vos que lhe digaes que abra o meu tumulo, e sobre o meu peito achará uma carta. E' o pedido derradeiro de uma moribunda.—

«Poucos minutos depois sua alma comparecia perante Deus.

«Meia noite menos um quarto acabava de sóar. Um vulto bateu á morada do vigia das sepulturas.

—Sois vós? perguntaram-lhe de dentro.

—Sim! abri depressa.

«Abriram-lhe. O visitante pagou-lhe aquelle favor e a sepultura lhe foi indicada. Era simples, sem opulencia.

—Cavai depressa, que o tempo urge!...

«O visitante crusou os braços. Não se

lhe ouvia si quer um som de voz, um só movimento. Com os olhos fixos parecia estatua que guardava aquelle sepulchro.

«Prompto! disse o coveiro depondo-lhe aos pés um caixão.

—Bem; agora deixae-me só.

«Abriu o caixão. O cadaver estava em completa putrefacção. O cheiro fetido que d'elle se exhalou fe-lo ter vertigens. Rasgou o sudario, e arrancou a carta que ali estava como reliquia presa ao pescoço da morta. Olhou para o cadaver, e um suspiro como um rugido saiu-lhe do peito. Com o auxilio d'uma lanterna leu a carta que mais ou menos dizia o seguinte.

«Eu vou morrer, meu cáro esposo, mas antes de descer á sepultura vou exigir de ti uma promessa sagrada. Esperei-te todas as horas, esperei-te todos os dias, esperei-te todos os mezes: e as horas, e os dias, e os mezes passaram... só tu não chegavas!... Não podia morrer sem contar-te a causa da minha morte, eu só a sei e vou revelar-ta. Minha morte é um crime, e um crime bem horrivel... Logo que partiste para o Brasil percebi que o teu mano, em vez de tratar-me com amizade sómente como irmão, começou a dar-me a entender que me amava. Assustei-me desta idéa. O tempo mostrou que não me havia illudido. Aos poucos elle foi manifestando quaes as suas intenções, eram infames!.. até que um dia m'as declarou formalmente... Repelli-o energeticamente. Tratei de escrever-te immediatamente confirmando os receios que já em outra carta eu te expuzera. Nada me respondeste, creio que minhas cartas eram interceptadas por elle.

«Muitos dias se passaram sem que elle me tornasse a fallar. Quiz acreditar que se arrependera, que pensára na enormidade do seu crime. Mas o cobarde mostrou de quanto era capaz.

«Uma noite acordei-me agitada, eram tres horas da madrugada... O infame estava no meu leito, ao meu lado... Riu-se do meu horror... Contou-me rindo-se que durante o meu somno me havia gosado, tendo-me dado antes um narcotico...

«Não tive tempo de ouvir o resto... perdi os sentidos...

«D'então por diante uma idéa me alimentou: era morrer. O infame, porém, percebeu o meu intento e tratou de obstar-o. Deus sabe as luctas vergonhosas que deu a minha honra...

«Pensei na minha desgraça e a par deste pensamento surgiu o da vingança. A idéa de vingança deu-me forças para arrostar tudo até a tua volta... mas tu não vinhas!.. nem minha mãe que fóra expulsa de casa porque quiz defender a sua filha!.. «Sentia que ia ser mãe... e isto me horrorizou!...

«Um dia uma idéa horrivel me atravessou o espirito: quiz ser mãe. Sim!—quiz ser mãe—porque ouvia uma voz que me dizia que o meu filho me havia de vingar!...

«Dei-o a luz—esse filho do crime! alegrei-me quando soube que era homem.

«Mas a natureza venceu-me... sinto que vou morrer. Antes de perder as forças quiz escrever-te, contar-te tudo, e das bordas do tumulo pedir-te vingança!...

«E' o legado que deixa-te a esposa que te idolatrava, e á cuja execução se liga o repouso da sua alma.»

«Eis aqui, mancebo, o legado que a mulher deixou á seu marido.

«Este releu a carta, prendeu-a ao pescoço e aproximou-se do caixão. Mirou os restos nojentos daquelle corpo que tanto amára, e feixou o caixão dizendo:

«—Dorme em paz minha pobre mulher! um dia virei dizer perante o teu cadaver o que agora digo perante o inferno: Tu serás vingada!...

«E' horrivel! disse Henrique estremeendo: e esse homem cumpriu a promessa?

«—Ainda não, mas cumpritá...»

«Tinha para lembrar-lhe a promessa aquella carta—não achou bastante. Tornou a abrir o caixão, tomou o craneo da mulher, envolveu-o n'um lenço e chamou pelo coveiro.

«Até um dia, disse-lhe elle;—ainda nos tornaremos a ver. Guarda-me bem esta sepultura—que ninguem lhe toque.—Adeus.

«O craneo da mulher nunca mais o deixou: era o grito que lhe pedia vingança, que o animava, que lhe alimentava a vida...

«Voltou para casa. Não encontrou papel algum que indicasse o rumo que havia seguido o seu irmão. Além de deshonra-leria elle commettido o crime de roubo! Tambem elle pouco se importava com a fortuna: a sua riqueza trazia elle representada naquella craneo e naquella carta.

«Reduziu á dinheiro o que lhe restava dos bens, recompensou generosamente os criados, assegurou a subsistencia ao velho criado, e depois partiu para o Brasil.

«Chegando ao Brasil tomou os andrajos

d'um mendigo e tratou de procurar a sua presa.

«Encontrou-a. O infame era feliz! Casára-tinha uma filha que adorava—tanto mais quanto os remorsos o prendiam a ella com um amor louco... Junto delles havia um menino...

—Os seus nomes! gritou Henrique levantando-se pallido como um cadaver: os seus nomes, velho!!.

—Amanhã t'os direi... e tambem o fim da historia... Amanhã Francisco Gonçalves dá a sua partida mensal: as onze horas uma escada cairá para o lado da rua: sobe por ella que te aguarda a felicidade. E levantou-se para sair.

—Mas os seus nomes, velho! gritava Henrique agarrando-lhe nas mãos.—Diz-me os seus nomes, porque eu enlouqueço!—

—Silencio! Amanhã os saberás.

O velho retirou-se, Henrique ouviu-lhe sair do peito um rugido feroz.

(*Continúa.*)

MOSAICO.

Junto a Castres no departamento francez d'ito do Tarn existe um enorme volume de pedra, que terá 360 pés cubicos e o peso de 600 quintaes; é de fôrma irregular, porém mais simillante á de um ovo apunado sobre uma das extremidades: está postado á borda d'um grandissimo rochedo na ladeira de uma eminencia. Por mui avultada que pareça mole tamanha, saiba-se que basta simplesmente a força de um homem para lhe inculir certo movimento vibratorio; e, recebendo o primeiro balanço, o repete sensivelmente por seis ou sete vezes. Ousaram presumir alguns que este penhasco, ao qual de algum modo podemos chamar oscillatorio, foi assim posto em equilibrio sobre o que lhe serve de base por trabalho e industria humana; e acrescentaram que seria alguma das celebradas pedras druidicas, symbolo da antiga religião das Gallias em tempos barbaros. Não é o unico, que assim balancea; outros se tem descoberto com a mesma e grandemente notavel circumstancia; é, porém, de todos e sem comparação o mais volumoso.

Socrates apprendeu a tocar instrumentos sendo velho.

Catão na idade de oitenta annos apprendeu a lingua grega.

Plutarco achava-se avançado em annos quando quiz apprender o latim.

João Gellida, de Valencia, tinha quarenta annos quando se entregou ao estudo das Bel-las-lettras.

Henrique Spelman tornou-se a applicar ao estudo das sciencias, e com grande aproveitamento, contava então cincoenta annos de idade.

Fairfax, depois de ter commandado como general as tropas do parlamento inglez, quiz receber o gráu de doutor na universidade de Oxford.

Colbert, quasi sexagenario, recommçou os estudos de direito e de latim.

Le Tellier, sendo chancellor de França, pe-dia-lhe repetissem lições de logica, para fazer perguntas a seus netos.

Voltaire dizia, pouco antes da sua morte, que todos os dias apprendia.

* *

JEREMIAS BENTHAM.

Este famoso publicista e jurisconsulto in-glez, nasceu em Londres em 1747.

Depois de brilhantes estudos e d'uma re-tumbante estreia como advogado, renunciou ao fóro por ter uma voz fraquissima, e poz-se a estudar a fundo a legislação e jurispru-dencia de seu paiz, e depois a dos paizes estrangeiros, que visitou, e cujas linguas aprendeo. A maior parte de suas obras respira um grande espirito philosophico. Occupava-se menos de as publicar do que de as compôr; era um amigo em Genebra que lh'as traduzia em francez e as publicava no continente, e assim se explica a singu-lar circumstancia de haverem tornado muito mais conhecido o nome de Bentham em França e na America do que na Inglaterra.

Morreu este profundo jurisconsulto em 1832 na idade de 85 annos; fóra uma das suas disposições testamentarias que se lhe desceccasse o cadaver e servisse para de-monstrações anatomicas.

Cumprir-se-hia tão singular desejo?

Splen: molestia ingleza que principia pelo aborrecimento e acaba pelo suicidio.

Estupido: homem cujas faculdades intel-lectuaes nem se quer lembram o instineto do animal. A cabeça é luxo.

Roza: emblema da belleza, da mocidade, e da vida.

A vingança d'um irmão.

(Continuado da p. 175)

VI

«Pensas tu que se a cabeça me corresse algum risco, eu a exporia por te salvar? — Oh, que não! — Também tenho a minha vingança e quero folgar depois de a vêr satisfeita...»

(A. HERCULANO. — O Bobo.)

A chacara do sr. Gonçalves estava brilhantemente illuminada, a musica soava alegre nos salões, tudo denotava alegria naquella casa de opulencia. Este era o dia das suas partidas mensaes. Escolhida sociedade costumava concorrer para ellas e hoje muito mais, pois que era a vespera do casamento de Julia. Queriam ver a noiva, aquella que era a alma destas reuniões, — aquella que estava em vespersas de despir-se de sua corôa virginal.

Aqui, como sempre, ainda se observava um contraste na vida do homem. No meio da musica, das flores, das joias, das luzes, da alegria, enfim, dois individuos estavam tristes: o sr. Gonçalves e sua filha.

O sr. Gonçalves, por mais que quizesse fingir alegria, não poderá evitar certa agitação que, apesar seu, lhe denunciava o desasoscego d'alma! Aquella alma eivada de crimes, aquelle espirito sceptico-atheu tocava a epocha da vida, em que quasi todos os homens da mesma tempera que elle, si não são religiosos com fé, o são pelo terror da sepultura: a velhice.

O sr. Gonçalves votara-se a Deus com fé profunda na primeira quadra da vida; abandonára Deus na segunda para ir se auxiliar no seio de Satan; e na terceira voltava de novo á Religião: com fé? Não: era o medo do inferno que sombreava-lhe a alma no meio da alegria, eram remorsos que pesavam-lhe na consciencia.

O sr. Gonçalves commettera um crime horrivel deshonrando a mulher de seu irmão e amigo, depois do que, suas crenças, já abaladas por este facto, não vendo chegar a punição tremenda, e pelo contrario um estado de quasi felicidade, se obscureceram completamente... e mais um atheu mostrou ao mundo que a religião christã, desvirtuada e mal ensinada por seus sacerdotes, converte os homens para uma crença que ella combate com toda a santidade e persuasão dos seus principios.

Tocando á terceira quadra da existencia o sr. Gonçalves tocava tambem ás bordas do sepulchro, e então teve medo... Não podendo convencer-se da existencia de um Poder Supremo, quiz convencer aos outros que elle tomava a religião da maioria, e d'ahi essa mascara tão repetida de um christão-pagão.

Julia — a pobre menina servia de instrumento á punição do crime... Alma de anjo a fatalidade a escolhêra para patentear mais uma vez a miseria humana; symbolo de virtudes neste drama de crimes, seu amor se acrysolou no soffrimento.

A pobre moça estava pallida, desanimada, seu olhar febril, incerto, espantado facilmente deixava vêr-se o que se lhe passava pelo coração pungido.

O seu noivo — esse sim exultava de prazer... Intelligencia mesquinha, materialista, seu egoismo só via em sua noiva um bello corpo para saciar prazeres, e um avultado dote... E' para homens d'esta natureza que que se pôde dizer: o casamento é uma especulação como qualquer outra — o amor, palavra vasia de sentido.

O casamento de Julia era o thema principal da conversação. Uns se admiravam de que o sr. Gonçalves, que tanto amava a sua filha, a fosse entregar á um homem egoista, pedante, incapaz de uma aspiração nobre. Viam nisso um mysterio que commentavam diversamente. Outros porém que sabiam das relações de Henrique com a noiva, extranhavam que o sr. Gonçalves, sem uma razão forte, que não fosse a da pobreza, causasse a desgraça de dois entes, cujo unico crime era se amarem.

Emfim, todos viam n'isto um mysterio que não podiam penetrar.

A musica soava alegre no sarão do sr. Gonçalves.

.....
Henrique não poderá dormir o resto da noite. Seu exaltamento tocava á loucura. Seus pensamentos ora se voltavam á sua amante, ora á historia que o velho lhe havia contado. Entre a historia do velho e a sua propria historia, pareceu-lhe descobrir alguma similhaça. Esta idéa fazia-lhe arrepiar os cabellos, porque importava esta outra: Entre Julia e elle o impossivel, ou um crime.

Aqui é que o velho mendigo mais influiu sobre elle: quem tiral-o daquella duvida horrivel? Sómente o velho. Assim elle se agarra ao desconhecido como a sua unica salvação.

Este homem tomava mil fôrmas na fraca e enferma imaginação de Henrique. Ora era um bemfeitor, um anjo que o vinha salvar depondo-lhe nos braços a sua amante, fazendo-os eternamente felizes; ora parecia-lhe vêr um velho louco, com uma lanterna na mão, cavando uma sepultura, abrindo um caixão, rasgando um sudario de um cadaver, rindo-se ás bordas do tumulto... rindo-se como um demonio saciado de vingança... rindo-se como um descrido perante a imagem de Deus!

Onze horas soaram lentamente no coração de Henrique. Era a hora fatal, a hora predilecta daquelle desconhecido.

Henrique levantou-se. Vou ouvir a minha sentença! exclamou elle; aconteça o que acontecer. Julia hoje me pertencerá!

Tomou um chapéo e saiu.

A musica soava alegre no saráu do sr. Gonçalves, — tudo respirava alegria. A lua já estava alta, era uma noite bellissima — nem uma nuvem no céu. O luar aclarava o jardim; as flores rescendiam.

Henrique caminhou rente ao muro; quando se aproximou de uma latada de jasmims que formava um caramanchão, de dentro lhe atiraram uma escada.

Parou por um instante. O coração batia-lhe com força, teve presentimentos que aquella escada o ia levar ao inferno. Hesitou.

— Julia não pôde ser minha irman! disse elle como respondendo á consciencia.

E subio.

— Julia, minha Julia!... parece que ha um seculo que eu não te vejo! parece que é uma esperanza morta que revive!... Vem, Julia, senta-te aqui em meus joelhos, — não te lembras? aqui, neste mesmo lugar, outr'ora quando eramos crianças, tu te recostavas em meu peito, eu te abraçava como agora, beijava-te os cabellos!... não te lembras? aqui tu juraste ser minha noiva!... Vem, chegado é o dia de cumprires o teu juramento... Lá, naquella casa representa-se uma comedia infame: uma mulher não pôde ser noiva de dois homens!... Tu és minha noiva, vem pois, perante estas flores, perante este céu, perante Deus que se manifesta em tudo isto, vem ser minha — sómente minha!...

— Sim, Henrique! este amor é fatal, acompanha-me desde a infancia, corre-me nas veias, affluc-me ao coração, sobe-me á ca-

beça — embriaga-me!... Não sabes, Henrique? esta noite sonhei que ia ser tua, que te ia pertencer em corpo e alma — eu era tão feliz! Mas de repente a morte caiu sobre mim, matou-me em teus braços! Será isto verdade, Henrique? Não!... toma em teus braços a tua noiva, porque tu és o meu unico noivo; foge com ella para longe destes lugares amaldiçoados! Tenho medo de me demorar aqui!... aquella musica me incomoda, aquellas luzes me cegam, aquella sala me parece o inferno e os homens demonios, dançando ao redor da sua victima! Aqui sim estou no céu, aqui tenho vida, tenho forças para abraçar o meu noivo!...

E a pobre moça delirando abraçava o seu amante. Seus labios se uniram n'um beijo intimo, no qual suas almas se fundiram uma na outra, suas vozes se extinguiram n'um suspiro d'amor.

Henrique possuia aquella moça que a fatalidade lhe atirára aos pés.

De repente dois vultos surgiram perto delles, como se houvessem saído do inferno para perturbarem aquella união criminosa...

— Francisco Gonçalves, eis ali a tua filha!.. disse um delles, e deu uma gargalhada.

— Minha filha!! deshonorada!! Oh!!

— Sim, miseravel, deshonorada, e por teu proprio filho!.. E deu outra risada mais medonha.

E a musica soava alegre no saráo.

— Minha filha!! gritava o sr. Gonçalves sem poder dar um passo, como se os pés lhe estivessem enterrados no chão, ou uma cadêa os prendesse á terra.

— Dize antes teus filhos! e deu uma risada mais medonha que as outras duas. Depois tirou um cranco do seio.

No interior do caramanchão se passava uma scena talvez mais horrivel! Julia havia succumbido á sensualidade do seu amante. De repente surge ante ella seu pai. O susto, o terror que a tomou causou-lhe uma reacção; esta foi tanto mais forte quanto o prazer era subidissimo. A pobre moça apenas poudo dar um grito e morreu nos braços do seu amante.

Henrique, sentindo a amante desfallecida escorregar-lhe dos braços, ia acudil-a, quando ouvindo as palavras do mendigo: deshonorada e por teu proprio filho, teve um accesso de loucura. Via ali, não sua irman deshonorada por elle, mas sim a sua amante morta, e agarrou-se ao cadaver como uma onça á presa.

— Julia! dizia elle, não morras! vem, fu-

jamos depressa!... não vês? estamos no inferno, os demonios nos perseguem, nos chamam — não ouves?

—Minha filha!... lançaste minha alma ao inferno!... Sou um reprobato!... gritava o miseravel retorcendo os braços, immovel, preso á terra, com os cabellos arrepiados sobre a cabeça, e o olhar desvairado como o do insano.

E a musica soava alegre no sarão...

E o mendigo ria com um rir diabolico...

Estava satisfeito, farto, enfim, de vingança.

Quiz mostrar então ao infame, que continuava a gritar pela filha, de que não partia a vingança. Despiu-se dos andrajos de mendigo, um trajedecente cobria este homem cujo corpo e cujo semblante muitissimo se pareciam com os de Francisco Gonçalves. Feito isto, sacudiu a este por um braço, e disse com um tom de voz de quem estava perfeitamente satisfeito do que se passára:

—Francisco Gonçalves, vê se me reconheces? Não te lembras? Vou avivar-te a memoria. Vês este craneo? olha bem: nestas orbitas já rolaram dois olhos lindos como duas estrellas: vês estes dentes? appareciam alvos como a neve quando dois labios de carmim sorriam.. Sabes de quem é este craneo? E' o de uma mulher que se chamava Elisa...

—Antonio Gonçalves!!

—Conheces-me agora?—Miseravel, que deshonraste a mulher do teu irmão e amigo!.. Mas a deshonrada deixou um legado... Vêde como seu marido soube cumpril-o...

E elle apontava para o cadaver de Julia, que Henrique continuava a apertar nos braços, rolando pelo chão e dando rugidos como os de fera.

—Meus filhos!! meu irmão!!

—Não! já não somos irmãos: somos dois demonios rivaes que disputamos as portas do inferno!... Não te lembraste das ultimas palavras de nosso pai moribundo: «Meus filhos, é minha vontade que vivaes sempre unidos; se assim o fizerdes, a bençãam de um pai extremoso vos acompanhará sempre... senão sercis amaldiçoados.» Maldito, que me arrastaste á perdição para saciares teus torpes desejos!...

—Elisa!! Elisa!!—e deu uma gargalhada de louco.

E a musica soava alegre no sarão.

Depois correu para onde estava o cadaver de Julia, arrancou-o dos braços de Henrique, levantou-o e o trouxe para fóra do ca-

ramanchão. A lua deu de chapa naquelle rosto livido pela morte.

De repente o corpo de Francisco Gonçalves estremeceu, o cadaver escorregou-lhe dos braços que ficaram suspensos, as pernas se curvaram tremulas.

—Prostituta inces....

Ja dizendo com voz rouca, e caíu sobre o cadaver da filha.

Estava morto.

—Elisa, minha Elisa— em fim estás vingada!... disse Antonio Gonçalves apertando o craneo ao coração.

E a musica soava alegre no sarão.

*

Algum tempo depois d'esta scena, outra não menos horrivel se passava em Lisboa. No mesmo dia, quasi na mesma hora, um homem morria apunhalado, em quanto que um outro homem, na mesa d'uma cea esplendida, brindava a sua noiva. O homem que morria era Antonio Gonçalves: o noivo era Henrique.

Antonio Gonçalves, herdeiro da fortuna de seu irmão, doára-a ao filho de sua mulher, e depois desaparecera de S. Paulo.

Uma noite, ás onze horas e meia, um vulto bateu á porta do coveiro do cemiterio dos Prazeres.

—Quem bate a esta hora? E' muito tarde para enterrar cadaveres! gritaram de dentro.

—Guardaste-me bem aquella sepultura? respondeu-lhe o vulto.

A porta se abriu.

—Eis-me de volta, meu velho, disse Antonio Gonçalves. Não me esperavas mais?... Toma esta bolsa, dá-me uma cavadeira e até um dia.

Cavou a sepultura da mulher, tirou o caixão, abriu-o. Dentro estava o esqueleto sem craneo, levantou-o: abraçou-se com elle, depois cravou um punhal no coração e caíu dizendo:

—Elisa, vou dizer-te que estás vingada!

Henrique, o libertino que havia assassinado uma mulher que roubára, pensando ter sido por ella enganado, estava com o coração para sempre cívado de vicios. Elle mentira quando dissera que o amor de Julia o havia regenerado; este amor era pura sensualidade; aquelle espirito de descrido só tinha fé no vicio.

Morta a sua amante, consummado, bem que sem conhecimento, aquelle goso incestuoso, pensou que o mundo lhe era vazio e quiz morrer... A morte, porém, o assustou.

Preferiu antes procurar consolo no meio dos vicios.

Como dissemos, Antonio Gonçalves lhe doára a sua fortuna. Reduzida a dinheiro, Henrique partiu para Lisboa. Ahi, no meio dos folguedos, dos bailes, das orgias, apagou-se o ultimo lampejo daquella alma votada ao crime desde o seu nascimento.

Comprára a casa que foi de seu pai e fez della um centro de orgias, para onde acudiam todos os libertinos e perdularios da cidade.

Um dia casou-se com uma das suas amantes.

E durante uma cêa esplendida, quando os convivas já cahiam ebrios, e elle brindava a sua noiva — Antonio Gonçalves morria abraçado ao cadaver de sua mãe...

— Assim é a vida do homem: sempre contrastes...

FIM.

MOSAICO.

Silencio: persuade ás vezes mais do que as palavras.

Imprensa: é uma buzina de que os pobres tem precisão, para que os grandes os ouçam. Luz de gás clarissima e economica.

Parodia: arremedo do macaco.

Idade das mulheres: E', na opinião de um critico, o unico segredo que ellas sabem guardar.

Riqueza: Infelizmente é o thermo-metro da consideração.

Gratis: E' uma palavra tão extranha aos nossos costumes, que foi preciso ir buscála ao latim.

Albarda: E' o nome que se deve dar á casaca de muitos.

Honra: E' a mais elastica de todas as palavras.

ERRATA.

Na pag. 169, col. 2, na primeira linha do artigo—Resenha Academica—lêa-se—admire-se, em lugar de—vos admireis.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 168.)

SIM.—Ande lá, patrão, escreva, que tudo isto está muito direito.

GRA.—(Com voz surda). Ah! Eduardo, Eduardo!

SIM.—(Lendo por cima do hombro de Graça). ...Ponto e virgula, patrão.—Muito bem.

COND.—Além disso todos sabem que esta loucura é já de muito tempo. Mil indicios denunciaram-na em sua infancia, e hoje está evidentemente reconhecida.

CONDES.—E não conviria que toda a familia se reunisse para proceder contra essa mulher e tomar conta dos bens do marido!

SIM.—Sobre tudo tomar conta dos bens. Não se esqueça de escrever isto, sr. Graça.

GRA.—(Baixo). Deixa estar: tu has de pagar-me tudo isto.

SIM.—(Lendo). ...Ponto, patrão.—Muito bem.

GRA.—(Lendo). «E receberá mercê.—Lisboa, aos 31 de dezembro, etc.» (Alto). Prompto: falta só assignar. (Ao Conde). Aqui está a penna, sr. Conde.

COND.—(Assigna e depois dá a penna á Condessa). Assigne agora V.^a Ex.^a

CONDES.—(Assigna). Falta agora a assignatura de nossos parentes e amigos.

SIM.—Si V.^a Ex.^a quer, incumbo-me das assignaturas de tão respeitaveis pessoas.

CONDES.—Com muito gosto, sr. Simões.

SIM.—Então guardo o requerimento. (Guarda-o). Para fazer delle o uso competente. (A' parte).

CREADO.—(Entrando). O sr. Visconde já chegou.

CONDES.—Bem, deixae-nos.

SIM.—Sim, sra. Condessa.

GRA.—E' o meu desejo ha muito tempo.

CONDES.—Não se esqueça desse negocio, sr. Simões, que é urgente.

SIM.—Não, minha senhora, affianço-lhe que não me esquecerei.

GRA.—(Baixo). Desta vez fico sem o meu futuro genro.

SIM.—(Idem). O senhor já não regúla e é necessario que eu o substitúa. (Alto). Tenho a honra de complimentar os meus nobres protectores.

CONDES.—Andae, andae.

GRA.—(Baixo). Vamo-nos embora, senhor velhaquete.

SIM.—(Baixo). Cale-se, patrão: você não